

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS – POSLIN

Área de Concentração: Lingüística

Linha de Pesquisa “E”: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria

Mestranda: Maria Margarida Flávio de Oliveira

ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DO DISCURSO POLÍTICO
EM CRÔNICAS DE FERNANDO BRANT

Belo Horizonte

Julho/2006

MARIA MARGARIDA FLÁVIO DE OLIVEIRA

**ASPECTOS LINGÜÍSTICOS DO DISCURSO POLÍTICO
EM CRÔNICAS DE FERNANDO BRANT**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Lingüística

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria

BELO HORIZONTE

JULHO/2006

Dissertação defendida em de de 2006, diante de banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria
UFMG – PosLin
Orientador

Profa. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado
Pontificia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC)

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes
PUC-MG

Profa. Dra. Gláucia Muniz Proença Lara
UFMG-PosLin

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA -----	6
AGRADECIMENTOS -----	7
EPÍGRAFE -----	8
RESUMO -----	9
ABSTRACT -----	10
CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS -----	11
1.1 - Introdução -----	11
1.2 - Objetivos -----	12
1.3 – Noções teóricas e metodológicas -----	13
1.3.1 - Discurso -----	13
1.3.2 - Intradiscurso -----	14
1.3.3 - Interdiscurso -----	17
1.3.4 - Estratégias discursivas de persuasão -----	19
1.3.4.1 - Seleção lexical-----	19
1.3.4.2 - Mobilização de personagens-----	20
1.3.4.3 - Relações entre explícitos e implícitos -----	22
1.4 - Metodologia -----	23
CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DE CRÔNICAS DE FERNANDO BRANT -----	24
2.1 – Crônica 01: “O poeta e a política” -----	24
2.2 – Crônica 02: “A defenestração de Praga” -----	27

2.3 – Crônica 03: “Viva o povo brasileiro”.	30
2.4 – Crônica 04: “Nós, os montanhese”	34
2.5 – Crônica 05: “Um homem exemplar”	38
2.6 – Crônica 06: “Assim se passaram dez anos”	42
2.7 – Crônica 07: “ A escola e o quartel”	45
2.8 – Crônica 08 – “O homem e sua natureza”	50
2.9 – Crônica 09 – “A vida é sinfonia”	55
2.10 – Crônica 10 - “Minas é meu lugar”	60
2.11 – Crônica 11 – “O rio São Francisco”	64
2.12 – Crônica 12 – “Haja paciência”	68
CAPÍTULO 3 – Conclusões	72
BIBLIOGRAFIA	76
1) Bibliografia teórica	76
2) Crônicas de Fernando Brant	77
ANEXO	78

Dedico este trabalho:

A meu pai, Martinho, que, com simplicidade,
ensinou-me o valor das letras e da poesia;

Ao meu marido, Humberto, pela sensibilidade e
carinho com que vem conduzindo tantos anos
de convivência;

Aos meus filhos, Cristiano e Amanda, meus
bens mais preciosos;

Ao meu genro, Luiz Diego, que veio somar afe-
to a nossa família.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Antônio Augusto Moreira de Faria, pela orientação deste trabalho, sempre de forma minuciosa e firme;

Aos professores e colegas com os quais convivi ao longo de todo o curso de Mestrado, pelos gestos e palavras de incentivo;

Aos amigos Aurélio e Carlucci, pelo especial carinho que sempre demonstraram por mim;

Ao Humberto, meu companheiro de todas as horas, pelo zelo com que digitou cada palavra desta dissertação.

Procura da poesia

“(…)

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
trouxeste a chave?”*

Carlos Drummond de Andrade. “Procura da poesia”. *In Antologia Poética*. 41 ed. Rio de Janeiro: Record. 1999, p. 186-7.

RESUMO

Nossa pesquisa dedica-se ao estudo do discurso político enunciado em crônicas de Fernando Brant publicadas no jornal *Estado de Minas*, no período de janeiro de 2001 a julho de 2006.

O principal objetivo do trabalho consiste em, a partir da análise dos aspectos lingüísticos, identificar o ponto de vista do enunciador.

Adotando a concepção teórica segundo a qual o discurso compõe-se de dois níveis interdependentes e complementares – o intradiscorso e o interdiscorso – a pesquisa dedica-se à análise das relações entre esses níveis.

O ponto de partida da análise foi o levantamento dos percursos semânticos no intradiscorso – o conjunto de crônicas que integram o *corpus* do trabalho. Adotamos o conceito de percurso semântico considerando o encadeamento de figuras e/ ou temas e a recorrência de traços discursivos subjacentes ao texto.

No conjunto de crônicas analisadas o nível intradiscursivo é composto pelos percursos semânticos do espírito público, da memória, da liberdade e da cultura. Neles identificamos os traços distintivos subjacentes que são, respectivamente, /responsabilidade coletiva/, /permanência/, /autonomia/ e /conhecimento/.

O traço distintivo subjacente a cada percurso semântico, no nível intradiscursivo, relaciona-se com oposições constitutivas no interdiscorso – que é constituído por outros discursos políticos aos quais o de Fernando Brant se opõe e que se acha situado no interior do campo discursivo político.

Ao final da pesquisa, concluímos que as crônicas analisadas, pelas características comuns que apresentam, enunciam um discurso favorável à prática do espírito público, da liberdade, da cultura, da preservação da memória, e oposto aos discursos que se omitem ou se posicionam contrariamente a esses aspectos.

ABSTRACT

This study analyzes the political discourse in Fernando Brant's texts published by *Estado de Minas* newspaper from January 2001 to July 2006.

The main objective of this work is to identify Brant's points-of-view, by analyzing the linguistic aspects on his texts.

In our research we assume that the discourse is composed by two interdependent and complementary levels: the interdiscursive and the intradiscursive levels. This research aims to study the relationship between these levels.

The first step was the identification of the semantic paths on the intradiscourse – the set of texts that integrate the *corpus* of this study. We have adopted the semantic path concept by taking into account the linkage of figures and/or themes and the recurrence of underlying discursive elements.

On the analyzed set of texts the intradiscursive level is composed by the semantic paths of the public spirit, the history, the freedom and the culture. In these semantic paths we can identify the underlying distinctive elements which are, respectively, /group responsibility/, /permanence/, /autonomy/ and /knowledge/.

The underlying distinctive element at each semantic path, in the intradiscursive level, establishes constituted oppositions in the interdiscourse – that is formed by other political discourses opposed by Fernando Brant's one and that is located in the inner part of the political discourse field.

At the end, we concluded that the studied texts present a discourse favorable to the practice of the public spirit, the freedom, the culture and the preservation of history, and unfavorable to those that omits or are positioned against these aspects.

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

1.1 - Introdução

Nossa proposta de estudo é analisar as crônicas de Fernando Brant que apresentam, entre outras, a temática política; pretendemos identificar os principais aspectos lingüísticos que materializam a ideologia política presente nas crônicas publicadas, semanalmente, pelo jornal *Estado de Minas*, no caderno “Cultura”.

É nossa intenção refletir sobre os aspectos intradiscursivos e interdiscursivos das crônicas de Brant, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre esses dois níveis que constituem o discurso e são, ao mesmo tempo, interdependentes e complementares.

Outro objetivo, decorrente do anterior, será a análise das crônicas observando o funcionamento de algumas estratégias discursivas de persuasão ideológica, como a seleção lexical, a mobilização de personagens discursivas e a relação entre explícitos e implícitos.

A escolha do *corpus* justifica-se pelo fato de o cronista representar parte de uma geração reconhecida pelo posicionamento claro diante dos acontecimentos que constituem a história recente do nosso país. Interessa-nos descrever sistematicamente o discurso de quem tem estado presente nos grandes movimentos políticos e culturais do país, nas últimas décadas. Pretendemos estudar o discurso político de Fernando Brant e selecionamos, como amostra de dados, crônicas publicadas pelo jornal *Estado de Minas*, várias das quais foram reproduzidas no livro *Clube dos Gambás* (BRANT, 2004). A temática política foi escolhida em virtude de sua freqüência no conjunto de crônicas.

Ao analisar crônicas de Fernando Brant, pretendemos buscar, em seu estreito laço com os fatos que registram, o ponto de vista político-ideológico do jornalista que, além de compositor, é aficionado pela política e está sempre ligado ao seu tempo, à sua história.

1.2 - Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo geral, no plano teórico, analisar as relações entre os níveis intradiscursivo e interdiscursivo. No plano da análise, a partir das relações entre o intra e o interdiscurso, pretendemos observar como a realidade política brasileira é vista no discurso de Fernando Brant.

Temos como objetivos específicos:

1- Identificar os principais percursos semânticos do intradiscorso que concretizem linguisticamente a visão ideológica do cronista sobre a política brasileira.

2- Identificar oposições interdiscursivas que permitam compreender a que ideologias políticas o discurso do autor se contrapõe.

3- Estabelecer as relações entre os percursos semânticos intradiscursivos e as oposições interdiscursivas.

4- Analisar o funcionamento de estratégias discursivas de persuasão ideológica: seleção lexical, mobilização de personagens discursivas, relações entre explícitos e implícitos.

5- Identificar, a partir da análise efetuada, o ponto de vista que aparece no discurso de Brant.

1.3 – Noções teóricas e metodológicas

1.3.1 - Discurso

Adotaremos em nosso trabalho o conceito de discurso proposto por José Luiz Fiorin (1997, p. 31):

Discurso é uma unidade do plano do conteúdo (...) em que formas narrativas abstratas são revestidas por elementos concretos. Quando um discurso é manifestado por um plano de expressão qualquer, temos um texto.

O discurso é o lugar em que os processos ideológicos se manifestam concretamente, pois ele estabelece uma articulação entre a ideologia e a linguagem.

Ideologia, aqui, será entendida como visão do mundo, ou seja,

o ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade, a maneira como a classe ordena, justifica e explica a ordem social. (Id., p. 29).

A ideologia só é identificável no discurso. Como as idéias só podem ser manifestadas pela linguagem, não existe visão de mundo desvinculada da palavra, que pode expressar diferentes aspectos da realidade, de acordo com os diferentes pontos de vista daqueles que dela fazem uso.

Por outro lado, as marcas dos antagonismos ideológicos também estão inscritas na materialidade lingüística que constitui o discurso, que só pode ser identificado como tal a partir de sua interação com outros discursos aos quais se opõe.

Para melhor compreensão do discurso de Fernando Brant e considerando que

O discurso tem (...) uma dimensão simultaneamente intra e interdiscursiva: por um lado, organizada a partir dos percursos semânticos intradiscursivos; por outro lado, constituída a partir das contradições que mantém com outra(s) formação(ões) discursiva(s) em um espaço interdiscursivo, dentro de um campo discursivo (FARIA, 2001, p. 255)

pretendemos estudar as relações entre os níveis intra e interdiscursivo, verificando a imagem do Brasil que aparece no discurso de Brant. É o que começamos a fazer nas seções seguintes (1.3.2 a 1.3.4)

1.3.2 - Intradiscurso

O discurso é integrado por partes que são dispostas em textos de forma organizada, ligadas entre si, de modo que o sentido de uma parte depende do sentido das outras com as quais ela se relaciona.

O conceito de intradiscurso está vinculado à noção de texto como junção do plano de conteúdo a um plano de expressão. De acordo com Dominique Maingueneau essa junção se dá obedecendo a um “sistema de condições que garante a boa formação semântica (formação discursiva)” (1984, p. 10, tradução nossa). O intradiscurso é, portanto, o conjunto de textos que foram produzidos sob o crivo desse sistema de condições.

Antônio A. M. Faria seleciona, para a análise do intradiscurso, “o conjunto de temas e figuras articulados no intradiscurso de uma formação discursiva, a partir de sua organização em percursos semânticos – temáticos ou figurativos” (1999, p. 29). Os percursos semânticos são, portanto, conjuntos de sentido que integram o intradiscurso.

Para Fiorin

Tema é o elemento semântico que designa um elemento não presente no mundo natural, mas que exerce o papel de categoria ordenadora dos fatos observáveis. São temas, por exemplo, amor, paixão, lealdade, alegria. Figura é o elemento semântico que remete a um elemento do mundo natural: casa, mesa, mulher, rosa. A distinção entre ambos é, pois, de maior, ou menor grau de concretude. (2003, p. 24)

Para Faria (2001, p. 254), “a principal categoria descritiva do intradiscurso é a de percurso semântico, que engloba os conceitos greimasianos de percurso temático e percurso figurativo, por se tratarem ambos de revestimentos – mais abstratos ou mais concretos, respectivamente – de estruturas narrativas.”

Greimas e Courtés (s.d., p. 453) definem percurso temático como a “manifestação isotópica mas disseminada de um tema” e percurso figurativo como um “encadeamento isotópico de figuras, relativamente a um tema dado” (*idem*, p. 188).

Adotaremos o conceito de percurso semântico considerando duas noções: o encadeamento de figuras e/ ou temas e a recorrência de traços discursivos subjacentes ao texto, ao intradiscurso.

O encadeamento de figuras e/ou temas forma uma rede relacional, uma vez que “ler um texto não é apreender figuras isoladas, mas perceber relações entre elas, avaliando a trama que constituem” (FIORIN, 1997, p. 70).

Quanto à noção de *recorrência* lembramos que o percurso semântico corresponde a “uma recorrência ao longo do discurso de elementos subjacentes” (FARIA, 1998, p. 142), aqui nomeados como traços discursivos. Um traço discursivo subjacente às figuras e aos temas de um percurso semântico é a marca mais abstrata, mais básica, da produção de sentidos. Ele opõe-se a um traço discursivo subjacente a um percurso semântico do(s) discurso(s) antagônico(s).

Em síntese: todo discurso, no nível intradiscursivo, constrói-se sobre percursos semânticos e opõe-se, no nível interdiscursivo, a um outro discurso, por sua vez também construído sobre percursos semânticos.

Para exemplificar esses aspectos, tomaremos a crônica “O Brasil visto do Planalto”, publicada no jornal *Estado de Minas* em 06/10/2004. Ela apresenta dois percursos semânticos principais: o da memória (em negrito) e o do espírito público (sublinhado). Os traços distintivos subjacentes a esses percursos semânticos são, respectivamente, /permanência/ e /responsabilidade coletiva/.

O BRASIL VISTO DO PLANALTO

Minha amiga gosta de dizer que a água que as pessoas bebem nos palácios brasilienses deve possuir alguma qualidade especial que faz com os que a ingerem tenham uma visão mágica do País. **O Brasil que os governantes vêem, ou dizem ver, nada se parece com o que nós enxergamos aqui da planície.**

5 **Eu me lembro dos discursos do Sarney invocando as maravilhas, os encantos da terra que ele presidia. Ouvindo sua fala dirigida às brasileiras e brasileiros, vinha-me uma vontade enorme de habitar esse lugar que ele descrevia com tanto entusiasmo.**

10 E ele não retratava a evidente grandeza de nossa natureza, as belezas de rios, montanhas, florestas e mar. **Ele se referia, mesmo, à situação social, à vida que os cidadãos da pátria estariam levando desde que o destino o colocara no cargo maior da burocracia nacional. Éramos a terra da utopia, enfim realizada. Quem dera assim fosse.**

Depois dele veio o autodenominado “caçador de marajás”. Esse, tão afoito, não teve tempo de fazer considerações a respeito da **condição dos brasileiros sob o seu reinado. Atropelou tudo e todas as regras** e terminou expulso pelo clamor das multidões.

15 **Itamar, ocupado em administrar um período de transição, não deve ter bebido a tal água. Posso estar enganado, mas não me lembro de declarações suas que carregassem o deslumbramento de um rei cantando uma nação imaginária.**

Aí vieram os tempos do sociólogo. **Embevecido por sua própria pessoa, convencido de que era o maior dos estadistas, Fernando Henrique devia se considerar o melhor entre os melhores. Logicamen-**

20 te, em seu conceito, o País, sob sua regência, era uma orquestra impecável e o povo certamente feliz.
 25 Os números do crescimento, o futuro que se abria para todos: o Brasil, finalmente, assumiria o seu
merecido destino.

Não quero, com esses comentários, entrar no mérito das políticas realizadas por cada um desses perso-
nagens. Apenas chamo a atenção para o fato de, no poder, todos eles se parecerem. Por mais opositores que
tenham sido, por mais diferentes que sejam, quando alcançam o cargo máximo e passam a morar entre as
 25 paredes palacianas, todos passam a enxergar cores que não vislumbramos.

É o que acontece, em nossos dias, com o queridíssimo Luiz Inácio da Silva. O país do Lula é o paraíso
 que sonhamos. Eu também quero morar lá. E quero que os milhões de brasileiros também possam residir
 nesse éden. Para que a felicidade geral se instale, é necessário distribuir, também para nós, simples cidadãos
 e contribuintes, o mágico líquido que é servido no Planalto Central. Merecemos todos beber daquela água
 30 (ou usar aqueles óculos) que fazem colorida e magnífica a visão do Brasil.

(Estado de Minas, 06/10/04, p. 10, caderno Cultura.)

Os dois percursos semânticos destacados no texto fundam-se sobre o descompasso observado pelo enunciador entre uma imagem agradável do país divulgada por governantes e outra imagem percebida pelos brasileiros, entre os quais ele se inclui como personagem.

No percurso semântico da memória, o enunciador recorre a algumas personagens e a alguns fatos políticos relacionados à história recente do país. Destacamos algumas passagens e personagens que integram esse percurso semântico: “discursos do Sarney” (linha 4), “caçador de marajás” (linha 11), “terminou expulso” (linha 13), “Itamar” (linha 14), “período de transição” (linha 14), “Fernando Henrique” (linha 18), entre outros.

No encadeamento de figuras e temas componentes do percurso semântico da memória é possível identificar /permanência/ como traço distintivo subjacente. Vale lembrar que o traço discursivo subjacente é a marca mais abstrata, mais básica da produção de sentidos.

O percurso semântico do espírito público aparece, em alguns trechos, sobreposto ao da memória. Nesse percurso semântico, identificamos o traço distintivo subjacente /responsabilidade coletiva/: as personagens, como Sarney, o “caçador de marajás”, Fernando Henrique e Lula são apresentadas como governantes com baixa responsabilidade coletiva em relação às condições de vida experimentadas por “milhões de brasileiros” (linha 27), entre os quais o enunciador se inclui.

Na composição desse percurso semântico, o enunciador fez uso, entre outras, das passagens “o Brasil que os governantes vêem” (linha 3), “esse lugar que ele descrevia com tanto

entusiasmo” (linha 6), “embevecido por sua própria pessoa” (linha 17), “no poder, todos eles se parecerem” (linha 23), “o país de Lula é o paraíso que sonhamos” (linha 26).

Ainda nesse mesmo percurso semântico, ressaltamos algumas passagens que apontam o posicionamento desfavorável do discurso do enunciador em relação ao discurso dos governantes. Vejamos: “nada que parece com o que enxergamos aqui da planície” (linha 3), “no poder todos eles se parecerem” (linha 23), “o país do Lula é o paraíso que sonhamos. Eu também quero morar lá. E quero que os milhões de brasileiros também possam residir nesse éden” (linhas 26 a 28).

No percurso semântico do espírito público, o traço distintivo subjacente ao discurso enunciado por Brant, /responsabilidade coletiva/, se opõe, interdiscursivamente, a /descomprometimento/, traço distintivo subjacente ao discurso atribuído aos governantes.

1.3.3 - Interdiscurso

Maingueneau considera tarefa do analista apreender o interdiscurso como objeto e, em seu interior, analisar a relação entre diferentes discursos, uma vez que “a identidade discursiva está construída na relação com o Outro” (1997, p. 120-1). Assim, para a compreensão de um discurso é essencial perceber que ele só existe enquanto interdiscurso – interação de discursos.

Para estudar o interdiscurso, Maingueneau (1997, p. 116-7) o decompõe em três instâncias – universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo. Universo discursivo: “conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura” (*Idem*, p. 116). Campo discursivo: “conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região” (*Idem*, p. 116). Espaço discursivo: “delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados” (*Idem*, p. 117).

Um discurso só pode ser identificado a partir de sua relação polêmica com outros discursos de um espaço discursivo, por sua vez dentro de um campo discursivo. Por esse motivo, é necessário estabelecer a categoria de oposição constitutiva como principal categoria de análise do interdiscurso, uma vez que o discurso, em sua dimensão interdiscursiva “constitui-se por contradição, por oposição a outros discursos” (FARIA, 2001, p. 31).

O universo discursivo compõe-se de todos os textos que circulam na sociedade. Dessa instância delimita-se, na nossa pesquisa, o campo discursivo político, no plano do enunciado (que será o nosso foco), e o campo discursivo jornalístico, no plano da enunciação.

Para exemplificar essas noções, tomaremos, no campo discursivo político, alguns fragmentos da crônica “O Brasil visto do Planalto” e que integram os percursos semânticos da memória e do espírito público. Neles identificamos uma característica atribuída a alguns dos últimos presidentes da República, inclusive o atual, que manifestariam uma visão irreal do país. O traço distintivo subjacente ao discurso atribuído aos presidentes é /descomprometimento/, que se opõe a /responsabilidade coletiva/, traço subjacente ao discurso enunciado por Fernando Brant.

“Ele [Sarney] se referia, mesmo, à situação social, à vida que os cidadãos da pátria estariam levando desde que o destino o colocara no cargo maior da burocracia nacional. Éramos a terra da utopia, enfim realizada. Quem dera assim fosse.” (linhas 8 a 10)

“Depois dele veio o autodenominado “caçador de marajás”.[...] Atropelou tudo e todas as regras e terminou expulso pelo clamor das multidões.” (linhas 11 a 13)

No primeiro fragmento, o emprego do período “Quem dera assim fosse” deixa implícita a irrealidade que o discurso de Fernando Brant atribui ao ponto de vista manifestado por José Sarney quando Presidente da República, o descomprometimento de Sarney diante da realidade vivida pelos “cidadãos da pátria”.

A passagem “atropelou tudo e todas as regras” apresenta, implícitas, ações da personagem “caçador de marajás” que denunciam descompromisso com o coletivo e desrespeito às normas e ao direito de todos.

O enunciado de um discurso constitui-se, explícita ou implicitamente, em oposição ao de um discurso contrário, contestando-o. Assim, opondo-se, interdiscursivamente, ao discurso daqueles que têm uma visão considerada irreal do país, o trecho a seguir apresenta outra imagem do Brasil, a partir do ponto de vista do discurso enunciado por Fernando Brant:.

“O Brasil que os governantes vêem, ou dizem ver, nada se parece com o que nós enxergamos aqui da planície. (...) Eu também quero morar lá. E quero que os milhões de brasileiros também possam residir nesse éden.”

O discurso se constitui como tal a partir de outros discursos, por isso é atravessado pelo discurso do outro ao qual se opõe. Na voz discursiva do enunciador podem se manifestar vozes diferentes, pontos de vista antagônicos. Para explicitar seu ponto de vista sobre determinado tema, o enunciador leva em conta o do outro, que está, assim, de certa maneira, presente no seu discurso.

1.3.4 - Estratégias discursivas de persuasão

Na análise das relações entre o inter e o intradiscorso, pretendemos proceder à identificação de algumas estratégias de persuasão. Em nossa análise, serão consideradas as seguintes: a seleção lexical, a mobilização de personagens discursivas e a relação entre explícitos e implícitos. Essas estratégias serão exemplificadas a partir de agora.

1.3.4.1 - Seleção lexical

Para Adílson Citelli (1999, p. 26) “é impensável afastarmos do estudo das ideologias o estudo dos signos, (...) a questão do signo se prolonga na questão das ideologias”. Para o autor “só é possível o estudo dos valores e idéias contidos nos discursos atentando para a natureza dos signos que os constroem” (*ibidem*).

Assim a escolha de determinado vocábulo, a maneira de dispor aquele vocábulo no texto, o emprego de determinadas figuras revelam comprometimento de caráter ideológico. É fácil observar que a maneira como o léxico é trabalhado é de vital importância para a compreensão do processo discursivo da persuasão.

Na crônica “O Brasil visto do Planalto” o enunciador recorre às escolhas lexicais para demarcar os dois discursos que se opõem. De um lado, sobre o discurso atribuído àqueles que têm uma imagem irreal há expressões como “visão mágica do país” (linha 2), “as maravilhas, os encantos da terra” (linha 4), “terra da utopia, enfim realizada” (linhas 9 e 10), “orquestra impecável” (linha 19) e “povo certamente feliz” (linha 19), entre outras.

Por outro lado, em uma relação antagônica, a crônica apresenta o ponto de vista defendido por Fernando Brant: a visão do país que seria a real. As escolhas lexicais “nada se parece com o que nós enxergamos aqui da planície” (linha 3), “cores que não vislumbramos” (linha

25), “quero morar lá” (linha 27) e “Éden” (linha 28), entre outras, sinalizam o ponto de vista de Fernando Brant.

Para delimitar espaços ocupados pelas personagens, o enunciador empregou “planície” (linha 3) opondo-se, semanticamente, ao “Planalto” (título) que indica a sede do governo e a região geográfica onde ela se encontra.

Ainda em relação a espaço, observemos a passagem “Eu também quero morar lá” (linha 27). Nesse período, o enunciador fala de um “lá” diferente do “aqui”, implícito, onde ele se encontra: planície.

Para marcar seu posicionamento, o enunciador, muitas vezes, lança mão de argumentos construídos com a utilização de recursos irônicos. Ao fazer uso dessa estratégia pode-se desqualificar uma idéia, um valor presente no discurso do outro. Para Fiorin e Platão (2003, p. 324), “quando se afirma uma coisa que, na verdade, se quer negar (...) temos uma ironia”. Na passagem “Logicamente, em seu [de FHC] conceito, o País, sob sua regência era uma orquestra impecável e o povo certamente feliz”, Brant faz uso da ironia, ao utilizar a expressão adverbial “logicamente” como recurso argumentativo.

Pelo fato de o tipo textual crônica apresentar comentários sobre o fato ou tema abordado, pode ser considerado um texto opinativo, sendo, portanto, previsível a ocorrência de determinadas escolhas lexicais que irão expressar o ponto de vista do enunciador sobre o fato ou acontecimento.

Consideramos importante a análise da seleção lexical “por apontar e delimitar a perspectiva adotada pelo enunciador, o ponto de vista assumido por ele”, de acordo com Aurélio Kubo (2003, p. 18).

1.3.4.2 - Mobilização de personagens

De acordo com os percursos semânticos identificados, as personagens discursivas presentes na crônica “O Brasil visto do Planalto” podem ser agrupadas em dois conjuntos. O primeiro é o conjunto dos governantes cujos discursos apontam para uma visão idealizada do país. O segundo conjunto é constituído pelos cidadãos brasileiros, entre os quais o enunciador se inclui, que têm uma outra visão do Brasil, a qual se opõe à dos governantes.

O primeiro conjunto de personagens é composto por alguns dos últimos presidentes da República, inclusive o atual: “Sarney”(linha 4), “Fernando Henrique” (linha 18) e “Luiz Inácio

da Silva” (linha 26). Essas personagens são apresentadas como tendo em comum um discurso com uma visão distorcida do Brasil e dos brasileiros.

No segundo conjunto, aparece mobilizada a personagem coletiva “povo brasileiro”, com as denominações “cidadãos da pátria” (linha 8), “multidões” (linha 14), “povo” (linha 19) e “simples cidadãos e contribuintes” (linhas 28 e 29). O cronista se inscreve como personagem empregando pronomes e verbos na primeira pessoa: “nós” (linha 28) e “merecemos” (linha 29).

Ao empregar a oração alternativa “ou dizem ver”, no primeiro parágrafo, o enunciador deixa claro o seu ponto de vista sobre a possibilidade de as personagens governantes não serem sinceras ao manifestar sua visão de Brasil.

Além disso, ao se referir a Sarney, o texto menciona a forma como a personagem alcançou a presidência: “desde que o destino o colocara no cargo maior da burocracia nacional”. Quando o enunciador menciona “o destino” como fator responsável pela ascensão de Sarney ao “cargo maior da burocracia nacional”, deixa implícito que essa escolha não representou a vontade popular e ressalta a forma através da qual a personagem chegou ao poder máximo do país.

Para se referir à personagem Fernando Henrique, o enunciador emprega o vocábulo “sociólogo” antecipadamente ao nome do presidente, deixando implícito, entre outros aspectos, que de um governante que tenha tal formação espera-se um desempenho qualificado.

As expressões “embevecido por sua própria pessoa”, “convencido de que era o maior dos estadistas”, “devia se considerar o melhor entre os melhores” marca característica atribuída à personagem Fernando Henrique: a vaidade.

Ainda sobre a escolha “embevecido por sua própria pessoa” (linha 17), esta apresenta, implícita, atitude de alheamento da personagem em relação ao povo pelo qual era responsável, em função do cargo que estava ocupando.

O adjetivo “queridíssimo” empregado no grau superlativo, caracterizando Luiz Inácio da Silva, manifesta a afetividade do enunciador pelo atual presidente do país. O que não o impede de manifestar seu ponto de vista sobre a maneira como Lula enxerga o país.

Quando utiliza a mobilização das personagens como estratégia argumentativa, o enunciador busca comprovar a tese, explicitada no primeiro parágrafo da crônica, sobre a distorção provocada pelo poder, na maneira de enxergar a realidade do Brasil e dos brasileiros.

1.3.4.3 - Relações entre explícitos e implícitos

Em todos os textos, algumas informações aparecem de maneira explícita, enquanto outras estão implícitas – pressupostas ou subentendidas. Só uma leitura abrangente é capaz de apreender todas as informações: tanto as explícitas quanto as implícitas.

O posto ou explícito corresponde ao que está dito textualmente no enunciado, no intradiscurso. Já o implícito requer uma parceria interdiscursiva entre o enunciador e o enunciatário para que este, por inferência, interprete o que não está dito textualmente nos conteúdos explícitos, mas que, através e a partir deles, agrega sentido ao discurso que está sendo enunciado.

Oswald Ducrot iniciou a reflexão sobre a diferença entre o implícito pressuposto e o subentendido. Para o autor (1987, p. 41) a pressuposição é “parte integrante dos sentidos dos enunciados”. O implícito pressuposto deriva, portanto, da instância da linguagem, uma vez que é inscrito na estrutura lingüística.

No trecho explícito “Quem dera assim fosse” (linha 10), o emprego do verbo “ser” no modo subjuntivo, indicador de fato apenas hipotético, e do advérbio “assim” com o sentido de “daquele modo” deixam implícito, pressuposto, que a realidade social brasileira não correspondia à descrição feita pelo Presidente Sarney.

O implícito subentendido, diferentemente do pressuposto, só existe enquanto interpretação contextual, interdiscursiva portanto, que o enunciatário faz daquilo que está no intradiscurso, no texto.

Quando o enunciador menciona o fato de “o destino” (linha 9) ser o responsável pela ascensão de José Sarney ao “cargo maior da burocracia nacional” (linha 9), o emprego do vocábulo “destino” significando “sorte” deixa implícito, subentendido, que aquela ascensão não representa apenas resultado da vontade do povo, expressa através de votos, mas uma obra da fatalidade: a morte do presidente eleito Tancredo Neves, de quem José Sarney era vice-presidente.

1.4 - Metodologia

Escolhemos como objeto de nossa pesquisa as crônicas de Fernando Brant publicadas pelo jornal *Estado de Minas*, no caderno “Cultura”. Para desenvolver a análise visando à identificação do discurso político de Fernando Brant, partimos de todas as suas crônicas publicadas, semanalmente, de 17 de janeiro de 2001 até 05 de julho de 2006. Várias das crônicas analisadas também fazem parte do livro *Clube dos Gambás*, que apresenta parte das que foram publicadas pelo jornal, de acordo com uma seleção realizada pelo autor. O livro foi editado pela Record: BRANT, 2004.

A partir das crônicas publicadas, nosso primeiro passo será selecionar as que tratam da política nacional, que constituirão o *corpus* de nossa pesquisa.

Um segundo passo será a identificação dos principais percursos semânticos das crônicas, na análise do intradiscurso.

Simultaneamente ao levantamento dos percursos semânticos, será feita a análise das relações entre explícitos e implícitos, a partir da observação da escolha lexical e da mobilização de personagens, que também constituem estratégias de persuasão.

A partir do levantamento dos percursos semânticos intradiscursivos, nosso terceiro passo será, já na análise do interdiscurso, a identificação das oposições interdiscursivas, relacionadas aos discursos a que o de Fernando Brant se opõe.

O quarto passo será o estabelecimento das relações entre os percursos semânticos intradiscursivos e as oposições interdiscursivas.

O último passo será a identificação do posicionamento do cronista em relação à realidade política brasileira, a partir da análise efetuada nas etapas anteriores.

No capítulo inicial desta dissertação, explicitamos os conceitos que fundamentam a análise a ser desenvolvida. No capítulo 2, apresentamos a análise de 12 crônicas, extraídas algumas do livro *Clube dos Gambás* e outras diretamente do jornal. No capítulo 3, apresentamos nossas conclusões.

Por fim, cabe ressaltar que nossa análise não se pretende exaustiva, uma vez que optamos por analisar uma amostragem, e não a totalidade das crônicas de Fernando Brant.

CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DE CRÔNICAS DE FERNANDO BRANT

2.1 – Crônica 01: “O poeta e a política”

Essa crônica desenvolve a argumentação de que o fazer político e o fazer poético se equivalem, uma vez que a preocupação e o compromisso de ambos é com “seu povo” (linha 27), “com sua gente” (linha 28).

Identificamos nesta crônica três percursos semânticos. O percurso semântico do espírito público, sublinhado, tem o traço distintivo subjacente /responsabilidade coletiva/. O da memória, em negrito, o traço distintivo subjacente /permanência/. E o da cultura, em itálico, o traço distintivo subjacente /conhecimento/.

O poeta e a política (*Clube dos gambás*, p. 162-164)

O poeta, originalmente, é o que faz, o autor. Mas desde muito tempo, desde Hesíodo e Píndaro, poeta é o que faz versos. Só que, para exercer seu ofício, ele precisa nascer, crescer, respirar, viver. Ele é um cidadão igual a todos os que merecem essa designação. Por mais que ele voe por tempo e espaço, por mais que cante as amadas, descubra nuvens e estrelas, por mais que sejam metafísicas as suas preocupações – não há como apartá-lo da realidade, das pessoas, lugares e circunstâncias que o cercam. Poeta ama, come e bebe. E paga impostos.

Esta reflexão me vem a propósito de uma determinada frase que, muitas vezes, ouvi da boca de alguns políticos e pessoas incapazes de entender que caráter e honestidade são valores que se devem aplicar a tudo. Ou não há caráter nem honestidade.

Quando estiver diante de gente que abraçou a política e tem na mais profunda essência o espírito público, certifique-se de que é verdadeira essa sua impressão, bata palmas e siga esse cidadão. Quando, porém, e infelizmente essa é a maioria, você vislumbrar apenas fome de poder, ausência de idéias e escrúpulos, vaidade e arrogância – trate de colocar esses sujeitos onde eles merecem: no ostracismo e na lama da má fama. Conheço alguns dos primeiros e sei de uma enormidade de representantes dos segundos. Temos absoluta necessidade de assistir à multiplicação dos homens e mulheres de espírito público.

Mas estou fugindo da frase que às vezes escutei e que sempre me incomoda. “Ele fala isso porque é poeta.” Diante da evidência de um mal feito, da constatação da mesquinha e da ignorância, da presença da corrupção e do oportunismo – o político, administrador ou empresário pego com a mão na massa da desonestidade apela para desqualificar quem o recrimina. E de uma forma que é um aparente elogio, mas não passa de uma grossa e agressiva acusação de ingenuidade, de incapacidade de viver a vida real. O poeta apenas finge que não está ciente do caminhar do mundo. Ele pensa, logo capta a dimensão maior da existência, consegue enxergar o que

são grandes idéias universais e o que é necessário fazer para resolver as pequenas questões do cotidiano do quintal, da casa e da vila, do país. O poeta também faz política quando denuncia que o mal [sic] uso do dinheiro público num país como o Brasil equivale a genocídio. E o mal[sic] uso pode existir tanto pelo roubo quanto pela incompetência.

25

Não siga qualquer poeta ou vá atrás de qualquer político. Leia com a atenção a obra dos dois. O político que vale a pena é o que abre horizontes de poesia para seu povo. E o bom poeta é aquele que tece com palavras o caminho de sua gente.

O enunciador recorre à lexicalização para identificar as personagens do percurso semântico do espírito público e agrupá-las em dois conjuntos. O primeiro conjunto é constituído pelas personagens que apresentam como característica um alto grau de responsabilidade em relação ao bem comum. Referindo-se a elas, Fernando Brant diz “gente que abraçou a política e tem na mais profunda essência o espírito público” (linha 10). Desse conjunto também faz parte o poeta que “tece com palavras o caminho de sua gente” (linhas 27 e 28).

Esse primeiro conjunto apresenta personagens determinadas positivamente pela escolha lexical. Vejamos: “Político que vale a pena” (linhas 26 e 27), “gente que abraçou a política e tem na mais profunda essência o espírito público” (linha 10), “bata palmas e siga esse cidadão” (linha 11), “homens e mulheres de espírito público” (linha 15). Também faz parte desse percurso semântico “o bom poeta (...) aquele que tece com palavras o caminho de sua gente” (linhas 27 e 28).

A expressão “espírito público” aparece empregada duas vezes, no início e no final do terceiro parágrafo, evidenciando o posicionamento do enunciador.

O segundo conjunto é composto por personagens que, de acordo com Fernando Brant, apresentam em comum apenas “fome de poder, ausência de idéias e escrúpulos, vaidade e arrogância” (linha 12). Entre outras, o enunciador cita “o político, administrador ou empresário pego com a mão na massa da desonestidade” (linha 18).

A seleção lexical efetuada para designar o segundo grupo de personagens do percurso semântico do espírito público é marcada por vocábulos e expressões avaliativas com carga semântica negativa que deixam claro o posicionamento desfavorável do enunciador em relação a essas personagens e às suas atitudes. Vejamos os itens destacados no trecho

“Quando, porém, e infelizmente essa é a maioria, você vislumbrar apenas fome de poder, ausência de idéias e escrúpulos, vaidade e arrogância – trate de colocar esses sujeitos onde eles merecem: no ostracismo e na lama da má fama.

A lexicalização, mas com valores positivos, é empregada pelo cronista para posicionar-se favoravelmente ao primeiro conjunto de personagens. Entre outras passagens, destacamos “bata palmas e siga esse cidadão” (linha 11).

Além disso, o enunciador se inscreve como personagem apresentando seu depoimento pessoal com o trecho “conheço alguns dos primeiros e sei de uma enormidade de representantes do segundo” (linhas 13 e 14).

O percurso semântico da memória, com curta extensão, apresenta mobilizadas as personagens “poeta” (linhas 1 e 16), “Hesíodo” e “Píndaro” (linha 1).

Na interface do percurso semântico do espírito público com o da cultura, o enunciador estabelece uma comparação entre o fazer político e o fazer poético, invocando a condição de cidadão do poeta e ressaltando o lugar que este ocupa no mundo. Para afirmar tal ponto de vista, o enunciado declara que “Não há como apartá-lo [o poeta] da realidade, das pessoas, lugares e circunstâncias que o cercam” (linha 5).

O explícito “E paga impostos” (linhas 5 e 6) deixa implícito, subentendido, que o cumprimento desse dever confere ao poeta o direito de reivindicar, reclamar, cobrar. Estas atitudes, entre outras, constituem parte do fazer político.

O enunciador posiciona-se outra vez favoravelmente ao fazer político, no quarto parágrafo, com a passagem “O poeta também faz política quando denuncia que o mal [sic] uso do dinheiro público num país como o Brasil equivale a genocídio” (linhas 23 e 24).

No último parágrafo da crônica, o enunciador recorre às escolhas lexicais para fazer uma avaliação do que considera o bom político e o bom poeta. A passagem

“O político que vale a pena é o que abre horizontes de poesia para seu povo. E o bom poeta é aquele que tece com palavras o caminho de sua gente”.

relaciona “poesia” (linha 27) à obra do bom político e “caminho” (linha 28), com o sentido de trajetória, à obra do poeta.

Assim, o discurso que surge na crônica defende a importância do bom poeta e do bom político, no sentido de estarem atentos ao “caminhar do mundo” (linha 21). Ao mesmo tempo explicita que para eles o mais importante deve sempre ser “seu povo”, “sua gente” (linhas 27 e 28).

2.2 – Crônica 02: “A defenestração de Praga”

Destacamos na crônica a seguir três percursos semânticos. O primeiro (sublinhado) é o percurso semântico da liberdade, com o traço distintivo subjacente /autonomia/. Os outros dois são o da memória (em negrito) e o da cultura (em itálico), com os traços distintivos subjacentes, /permanência/ e /conhecimento/, respectivamente.

A defenestração de Praga (*Clube dos gambás*, p. 64-66)

Em tempos de eleições, é saudável louvar a democracia que, de tempos em tempos, no século passado, foi várias vezes retirada de nosso convívio. Fora da democracia não há salvação, mesmo quando ela traz vícios que a deformam. Não tenho saudade nenhuma daquele período em que as botas dos militares violentavam o país e amedrontavam os brasileiros. Foram anos de cochichos e sussurros, as vozes e as idéias caladas pela perspectiva da repressão. Aos poucos vamos construindo, eleição atrás de eleição, uma maneira mais civilizada de entendimento entre o Estado e o cidadão. Eu me lembro, então, de uma viagem que fiz a Praga, na República Tcheca, bela cidade do leste europeu. Caminhando pelas ruas da cidade, me encantei com o fato de *as igrejas oferecerem música popular e de concerto ao longo do dia, recitais que atraíam os turistas vindos de toda parte. Acabei indo ao antigo castelo dos reis da Boêmia* e, quase sem querer, ouvi o discurso de uma guia turística que, apontando para uma das janelas de um imenso salão, dizia que ali havia se passado o episódio conhecido como a defenestração de Praga. Algumas autoridades reais, depois de uma tumultuada reunião com representantes do povo, haviam sido jogadas pela janela de uma altura de 15 metros. Não morreram, pois tiveram a queda amortecida por lixo, capim e bosta de cavalo. E acabaram voltando ao poder. Esse acontecimento, que daria início à chamada Guerra dos Trinta Anos, atಿçou imediatamente a minha memória, que voltou à minha época de aluno do Colégio Arnaldo. Era mais uma daquelas matérias bem ensinadas pelo professor Vieira e bem apreendidas por mim. Ficaram. O que a democracia tem a ver com isso? As eleições livres são a oportunidade que o povo tem de jogar pela janela, defenestrar, os governantes que não lhe agradam. E é um jogo limpo, de regras claras. Permanecem os que a maioria do eleitorado entende que devam ser reconduzidos. E os que são mal avaliados são lançados ao ostracismo, que não mata. Machuca, mas deve ser bem melhor do que ser lançado das alturas em um monte de lixo, capim e bosta de cavalo.

Não há guerras nesse embate democrático. O que há é a certeza de que o que foi prometido será cobrado nas urnas. Muitos conseguirão enganar a muitos por algum período. Mas chega a hora em que as máscaras desabam das faces e mostram o verdadeiro do incompetente ou do corrupto.

O povo acaba sendo justo, na maioria das vezes, mesmo quando forças poderosas se juntam para manobrar sua vontade. Lentamente, voto a voto, urna a urna, o movimento do povo brasileiro vai contrariando o desejo dos banqueiros, da grande mídia, dos que julgam tudo poder. O rumo que ele aponta para o Brasil é o da esperança.

Iniciando a análise, observamos que o título não antecipa explicitamente a temática da crônica e, ao nosso ver, teria sido selecionado como uma estratégia lexical para provocar a curiosidade do leitor, visto que o vocábulo “defenestração” é pouco empregado, sendo, portanto, de significado desconhecido por boa parte dos leitores.

Também a narração do episódio, no corpo da crônica, configura-se como outro recurso de persuasão. No caso, uma analogia, para tornar o discurso mais didático, conforme expressa a interrogação: “O que a democracia tem a ver com isso?” (linhas 16 e 17).

Nos percursos semânticos da liberdade e da memória, com as escolhas lexicais “eleições” e “louvar a democracia” (linha 1), o enunciador sinaliza o tema de seu texto - a importância da participação popular na escolha de seus representantes - e o seu posicionamento favorável a essa participação. Especialmente com o verbo “louvar”, que possui, entre outros, o sentido de enaltecer, exaltar. Em relação às eleições livres, “a oportunidade que o povo tem de jogar pela janela, defenestrar, os governantes que não lhe agradam” (linhas 17 e 18), observamos o emprego estratégico do verbo “defenestrar”.

O percurso semântico da liberdade apresenta mobilizadas as personagens “povo brasileiro” (linha 26), “governantes” (linha 18), “eleitorado” (linha 19), “Brasil” (linha 27). A personagem coletiva “forças poderosas” (linha 25) é retomada no final da crônica com a enumeração das personagens que a compõem: “banqueiros”, “grande mídia” e “os que julgam tudo poder” (linha 27).

Com o emprego da forma verbal “vamos” (linha 5), o enunciador se inclui como personagem entre os brasileiros que constroem com seu voto “uma maneira mais civilizada de entendimento entre o Estado e o cidadão” (linha 6).

A personagem coletiva “governantes” aparece em dois grupos: “os que a maioria [eleitores] entende que devam ser reconduzidos” e “os que não lhe agradam” (linha 18).

Com as escolhas lexicais “eleição atrás de eleição (linha 5)”, “lentamente (linha 26)”, “voto a voto, urna a urna” (linha 26), entre outras, o enunciado marca o ritmo lento mas constante com que a personagem coletiva “povo” (linha 26) demonstra seu espírito democrático na sua relação com as instituições políticas.

Ao se referir ao movimento do brasileiro que expressa cuidado com as instituições administrativas e políticas do país, o enunciado emprega expressões que marcam positivamente

o movimento, como “o povo acaba sendo justo” (linha 25) e “o rumo que ele [movimento do povo] aponta para o Brasil é o da esperança” (linhas 25 a 27).

O percurso semântico da memória mobiliza o enunciador-personagem de duas formas: individualmente, quando explicita seu posicionamento em relação ao período da ditadura militar com o pronome pessoal “eu” (linha 6). E coletivamente, com a expressão verbal “vamos construindo” (linha 5) incluindo o enunciador entre os brasileiros que participam, com seu voto, da construção de uma relação civilizada entre o Estado e os cidadãos.

O sintagma nominal “botas dos militares” (linha 3) refere-se explicitamente às personagens que governaram o país durante o regime ditatorial. O emprego das formas verbais negativas “violentavam” (linha 3) e “amedrontavam” (linha 4), referindo-se às autoridades militares, aponta para as condições de insegurança e temor que marcaram a vida do povo brasileiro enquanto durou aquele período, e marca o posicionamento discursivo de Fernando Brant em relação às autoridades militares ditatoriais.

O percurso semântico da cultura apresenta, entre outras, a personagem coletiva “turistas vindos de toda parte” (linha 9) e o próprio enunciador, registrado com o emprego de pronome e verbo na primeira pessoa: “eu me lembro” (linha 6).

Na passagem “me encantei com o fato de as igrejas oferecerem música popular e de concerto ao longo do dia” (linhas 7 e 8), a forma verbal “encantei” assinala o posicionamento do enunciador em relação ao fato narrado no enunciado, ao mesmo tempo que estabelece uma conexão entre esse enunciado e o ofício principal do enunciador, ligado à música.

2.3 – Crônica 03: “Viva o povo brasileiro”.

Nesta crônica foram destacados três percursos semânticos, o da memória (negrito), o do espírito público (sublinhado) e o da liberdade (itálico).

Viva o povo brasileiro (*Clube dos gambás*, p. 94-96)

Um dia disseram ao povo brasileiro que ele deveria dividir o dinheiro que tinha ou que sonhava ter por 1.750 [sic]. No dia seguinte, como se fosse o fato mais normal do mundo, como se a maioria da população não carregasse as marcas do semi-analfabetismo, como se a operação matemática envolvida não fosse complexa, todos entenderam e passaram a aplicar a nova regra, a viver a nova moeda. A mesma audácia não tiveram os políticos europeus: do anúncio da criação da moeda única, o euro, e a [sic] circulação efetiva do papel entre a população estabeleceu-se um estágio de alguns anos, tempo de treinamento que ainda está vigorando. Mas a Europa não é o continente da civilização? Nós não somos os bárbaros? *Ao longo da vida, a brava gente brasileira tem sabido me espantar. Quando tudo parece perdido há sempre uma força que sai de dentro dela para mover o país e reativar os sonhos. Tem sido sempre assim. Eu me lembro dos estudantes saindo às ruas, no longínquo ano de 1977, nove anos após as trevas do AI-5, para retomar o caminho que levaria ao fim da ditadura militar. No ano seguinte, eles cederam a cena para os operários e ali ficava claro que o autoritarismo tinha seus dias contados. E as águas da rebelião que ali nasciam explodiriam no movimento que redimiu nossas gerações: as diretas já.*

O país segue injusto, não acompanha como devia o passo vivo de seu povo. Já não merecíamos conviver com a pobreza de tantos, miséria multiplicada pela demagogia, incompetência e corrupção de muitos. Mas quando a confusão se instala e se aposta na calamidade; quando todos acusam e muitos dos acusadores é que deveriam enfrentar os tribunais; quando a insensatez mais se levanta e oportunistas e salvadores da pátria se anunciam: eis que o sofrido povo brasileiro entra em campo, instala o espírito coletivo, a razão e resolve os problemas que não criou. Diante da crise de energia, alguns ainda tentaram espalhar o individualismo, berrando que nada tinham a ver com o que acontecesse. Em poucos dias, foi geral a mobilização. Mais uma vez a alma brasileira se juntou num esforço solidário, numa comunhão de objetivos de que só os grandes povos são capazes. Todas as metas foram, são e serão alcançadas porque já não se trata de um time, um partido, uma facção ou seita. É o destino da terra comum que está em jogo, é a vida que sonhamos para nós e nossos filhos que está em questão. É o dia-a-dia de trabalho e estudo, de suor e pão. Tudo o que o é brasileiro nos interessa. E a mulher negra, com filho no colo, apesar de gastar apenas 60 quilowatts, declara emocionada que também quer poupar, pois não quer que falte luz para ninguém.

“Aqui vive um povo que merece mais respeito

E belo é o povo como é belo todo amor

Aqui vive um povo que é mar e que é rio

30

E seu destino é um dia se juntar.”

Escrevi estas palavras há muitos anos, continuo acreditando nelas. Eu tenho muito orgulho de ser brasileiro.

Nessa crônica o tema central – a admiração do enunciador pelo espírito solidário do povo brasileiro – é anunciado no título e concretizado na progressão do discurso, com o relato de situações ocorridas em diferentes épocas e por diferentes motivos.

O percurso semântico do espírito público mobiliza a personagem coletiva “povo brasileiro” desde o título. Ao longo da crônica essa personagem é retomada com diferentes designações: “brava gente brasileira” (linha 8), “alma brasileira” (linha 21). As escolhas lexicais referentes a ela marcam o posicionamento do enunciador com vocábulos que expressam admiração e identificação com o “sofrido povo brasileiro” (linha 18).

Outras personagens são mobilizadas e agrupadas de acordo com os episódios dos quais participaram e que são relatados na crônica. O primeiro episódio que o cronista relata refere-se ao período de mudança da moeda brasileira:

“Um dia disseram ao povo brasileiro que ele deveria dividir o dinheiro que tinha ou que sonhava ter por 1.750” [sic] (linhas 1 e 2).

A forma verbal “disseram” permite perceber implícita, subentendida, a personagem discursiva autora da ordem dirigida ao povo brasileiro; no caso, as autoridades políticas ligadas à área econômica na época: o Presidente Itamar Franco e o seu Ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso.

Ainda em relação ao trecho transcrito acima, chamamos a atenção para o uso da ironia como recurso argumentativo na passagem “dinheiro que tinha ou que sonhava ter” (linha 1) e nas interrogações “Mas a Europa não é o continente da civilização? Nós não somos os bárbaros?” (linha 7).

O trecho “como se fosse o fato mais normal do mundo” (linha 2), que inicia as orações adverbiais do segundo período, deixa implícito, pressuposto, que circunstâncias anormais envolveram a operacionalização da troca da moeda. E o trecho “a mesma audácia não tiveram os políticos europeus” (linhas 4 e 5) apresenta implícita, pressuposta, a informação de que a for-

ma empregada pelos políticos brasileiros para promover a mudança da moeda fora uma ação audaciosa.

Além disso, a crônica apresenta fatos políticos importantes ocorridos na década de 70, que comprovam o espírito solidário do brasileiro e a sua capacidade de mobilização em defesa da liberdade de todos. As personagens mobilizadas são “estudantes” (linha 9) e “operários” (linha 11).

Outro episódio relatado na crônica refere-se à mobilização popular ocorrida durante a crise de energia elétrica enfrentada pelo país. O enunciador recorre às escolhas lexicais para caracterizar o espírito público do povo brasileiro, seu empenho e sua agilidade na resolução de uma situação problemática que afetava todo o país. Vejamos as passagens “em poucos dias” (linha 20), “espírito coletivo” (linha 18), “esforço solidário” (linha 21), “comunhão de objetivos” (linha 21), entre outras.

É importante ressaltar a construção metonímica da personagem coletiva “alma brasileira” (linha 2). A parte – “alma” – é empregada pelo todo – corpo e alma de muitas personagens individuais que conjuntamente se envolveram no esforço de buscar solução para a crise energética.

A passagem “comunhão de objetivos de que só os grandes povos são capazes” (linhas 21 e 22) evidencia, ao mesmo tempo, o ponto de vista favorável à união de todos em favor da coletividade e à capacidade do povo brasileiro de assim agir quando se faz necessário.

Estão mobilizadas, no relato do episódio da crise de energia, outras personagens, como “alguns [individualistas]” (linha 19), “alma brasileira” (linha 21) e a personagem individual “mulher negra com filho no colo” (linha 25).

Vale observar a forma como uma personagem individual é caracterizada no percurso semântico do espírito público. Vejamos: “E a mulher negra, com filho no colo, apesar de gastar apenas 60 quilowatts, declara emocionada que também quer poupar, pois não quer que falte luz para ninguém” (linhas 25 e 26).

Ao nosso ver, as escolhas lexicais efetuadas, juntamente com a construção das personagens, assinalam que a adesão aos movimentos solidários resulta da consciência do espírito público, característica que o discurso de Fernando Brant atribui ao povo brasileiro.

Quanto a outras personagens mobilizadas, observamos a presença do enunciador, por meio do emprego da primeira pessoa, tanto no singular quanto no plural. Nos trechos “a brava gente brasileira tem sabido me espantar” (linha 8) e “eu tenho muito orgulho de ser brasileiro”

(linhas 31 e 32), a presença do enunciador se dá por meio do emprego da primeira pessoa do singular. O emprego do singular “eu” aparece nas passagens narrativas e naquelas em que o discurso explicita admiração e orgulho pelos brasileiros e pelo Brasil. O enunciador utiliza a forma plural “nós”, incluindo-se entre todos os cidadãos brasileiros, quando, conforme suas palavras, “é o destino da terra comum que está em jogo, é a vida que sonhamos para nós e nossos filhos que está em questão. Tudo que é brasileiro nos interessa” (linhas 24 e 25).

Estão silenciados no discurso o período em que houve a reforma monetária, os nomes das moedas envolvidas na reforma, o motivo dessa reforma, o período em que ocorreu a crise de energia e os nomes dos governantes, nesse último período. Esse silenciamento funciona como estratégia argumentativa, uma vez que coloca em destaque a capacidade de mobilização e de ação do povo brasileiro, sua agilidade na busca de soluções para os problemas que afetam a vida de todos, e não a origem dos problemas.

Já o percurso semântico da memória mobiliza parte das personagens do percurso semântico do espírito público, uma vez que, ao relatar fatos e ações das personagens, o enunciador está fazendo, ao mesmo tempo, seu registro, baseado na sua memória histórica.

E o percurso semântico da liberdade, sobreposto ao da memória, mobiliza, entre outras, as personagens coletivas “estudantes” (linha 9) e “operários” (linha 11) que manifestaram seu repúdio às ações autoritárias praticadas durante a ditadura militar.

2.4 – Crônica 04: “Nós, os montanhesees”

A análise identifica três percursos semânticos. O mais extenso é o da memória (em negrito). Sobrepostos a ele destacamos o percurso semântico da liberdade (sublinhado) e o da cultura (em itálico).

Nós, os montanhesees (*Clube dos gambás*, p. 225-227)

Belas, em Minas, são as manhãs de abril, as tardes de maio e as noites de junho. Verdade que o tempo e as estações estão mudando muito, nunca o mundo foi tão quente, tão sujeito a ataques histéricos. Mas essas são conversas sobre as agressões do homem à natureza, sempre pertinentes, mas que não fazem parte do meu assunto de hoje. Essa é a época da semana santa e eu trago dentro de mim a lembrança das sextas-feiras da paixão de
5 **minha infância: o dia mais triste do mundo.**

Mas esse é também o tempo de se lembrar da *história de Minas e seu povo*, a construção diária da liberdade; a cultura nascendo de mãos, corações e mentes; a repulsa eterna à colonização e ao colonizador, a insubmissão. Nada a ver com a hipocrisia do primeiro de abril de 1964. Tudo a ver com a longa tradição de combate a tudo que contrariasse o sentimento de nação que amadurecia. Os tiranos sempre mandaram matar e esquarterar os mineiros rebelados, mas os quartos espalhados pelos caminhos gerais sempre significaram a multiplicação da rebeldia. Os colonizadores sempre souberam disso. Martinho de Melo Castro, ministro da Marinha e Ultramar de Portugal, ao tomar conhecimento do movimento que deveria ser a Conjuração Mineira, diria que, entre todos os povos da capitania do Brasil, nenhum foi mais difícil de sujeitar e reduzir à devida obediência como foi o de Minas Gerais.
10

Alguns vesgos ainda teimam em desqualificar a importância do século XVIII das Minas. Tentam dizer que houve, na conjuração, apenas uma preocupação com os impostos que eram devidos. Como se a economia não fosse importante na evolução de todos os fatos políticos. Mas os fatos econômicos sozinhos não explicam os oitocentos dos mineiros e do Brasil. O fato propulsor de tudo foi a descoberta do ouro, que revolucionou nossas terras na primeira década de 1700. Com o ouro, veio gente de todo o país. Foram criadas as cidades e tudo se transformou. Na política, foi um século inteiro de guerra contra a colônia e seus enviados: Guerra dos Emboabas (1708-9), Rebelião de Vila Rica (Felipe dos Santos, 1720), Conjuração Mineira (1789). Na cultura, a criação literária nacional ganha seu primeiro movimento, a Arcádia dos poetas Cláudio Manoel, Gonzaga e Alvarenga. A música colonial genuinamente nossa é ouvida nas igrejas. Aleijadinho e Athayde colocam nas capelas e na eternidade da arte o rosto moreno de nosso povo. E na biblioteca do cônego Luiz Vieira, como atestam os Autos da devassa e o livro de Eduardo Frieiro, todos os conhecimentos do mundo de então eram encontrados. Onde há cultura há política.
15
20
25

30 *A arte, a cultura, a política, a economia, o desejo de liberdade* – todos os fios se unem para tecer o novelo da história de Minas no século XVIII. É assim, e é aí, que nasce e cresce *a alma de Minas, esse espírito de poesia e música*, esse sentimento especulativo e conciliador, esse compreender que a totalidade, o país, está acima de tudo. A liberdade está no sangue dos mineiros, assim como o amor à vida, à lua, à cachaça e aos semelhantes.

Os montanhesees serão sempre livres.

Passagens como “século XVIII das Minas” (linha 15) e “os oitocentos dos mineiros e do Brasil” (linha 18) estabelecem conexão entre os três percursos semânticos identificados nessa crônica.

O percurso semântico da liberdade mobiliza as personagens coletivas “Minas e seu povo” (linha 6), “montanhesees” (linha 32), “mineiros rebelados” (linha 10), “povos da capitania” (linha 13) e a personagem individual “Felipe dos Santos” (linha 21). A expressão “Conjuração Mineira (1789)” (linhas 21 e 22) deixa implícita, subentendida, a personagem individual “Tiradentes”, revolucionário mais presente no nosso imaginário histórico político. No percurso semântico da liberdade, em relação antagônica com as citadas, estão mobilizadas as personagens coletivas “colonizadores” (linha 11), “tiranos” (linha 9), “a colônia e seus enviados” (linhas 20 e 21) e a personagem individual “Martinho de Melo Castro” (linha 11).

Observamos que o discurso de Fernando Brant ressalta, como característica fundamental da personagem “seu povo [de Minas]” (linha 6) a resistência ao domínio português. Destacamos para efeito de comprovação desse ponto de vista do enunciador, entre outras, as passagens “a construção diária da liberdade” (linhas 6 e 7), “a repulsa eterna à colonização e ao colonizador, a insubmissão” (linhas 7 e 8).

Nessa crônica, Brant utiliza como estratégia de persuasão ideológica, entre outros aspectos, um raciocínio que, ao nosso ver, poderia ser metafóricamente caracterizado como matemático. Vejamos: as passagens “a construção diária da liberdade” (linha 6) mais “a repulsa eterna à colonização e ao colonizador” (linha 7) apresentam como resultado “a insubmissão” (linha 8) que é a característica marcante do povo mineiro, de acordo com o ponto de vista do enunciador.

A relação de antagonismo entre personagens está marcada, intradiscursivamente, pelas escolhas lexicais efetuadas em relação aos dois conjuntos de personagens presentes. Vejamos as passagens “insubmissão” (linha 8), “rebeldia” (linha 11), “desejo de liberdade” (linha 27), que materializam lingüisticamente o tema da insubmissão diante do governo português. Por

outro lado, as passagens “tiranos” (linha 9), “matar” (linha 10), “esquartejar” (linha 10), “sujeitar” (linha 14), entre outras, se referem às personagens do segundo conjunto: o dos repressores.

O período “Nada a ver com a hipocrisia do primeiro de abril de 1964” (linha 8), parte do segundo parágrafo, apresenta um implícito relevante, subentendido - o movimento político de março de 1964, que deu início à ditadura militar que perdurou por três décadas. Ao nosso ver, a opção de Fernando Brant por registrar a data como primeiro de abril, e não 31 de março, apresenta implícita, subentendida, como estratégia de persuasão, uma ironia, levando-se em conta o fato de essa data – 1º de Abril – ser conhecida como o dia da mentira. O emprego do vocábulo “hipocrisia” (linha 8) expressa a discordância do enunciador em relação ao movimento de 1964.

No último parágrafo, ao empregar o artigo definido “os” (linha 32), antecedendo o substantivo “montanhese” e referindo-se a todo o povo de Minas como personagem coletiva, e o advérbio “sempre”, determinando o adjetivo “livres”, Brant marca lingüisticamente sua convicção ideológica na permanência do espírito de luta dos mineiros.

O percurso semântico da cultura mobiliza as personagens explícitas “Cláudio Manoel” (linha 23), “Gonzaga” (linha 23), “Alvarenga” (linha 23), “Aleijadinho” (linha 23), “Athayde” (linha 24), “Cônego Luís Vieira” (linha 25). O trecho “a música colonial genuinamente nossa é ouvida nas igrejas” (linha 23) apresenta como personagens implícitas, subentendidas, os compositores da música colonial.

Em relação às outras personagens mobilizadas, observamos que o pronome “nós” empregado no título da crônica inclui não só o enunciador no conjunto das personagens, mas também apresenta como implícito, subentendido, o leitor, tendo em vista que as crônicas são veiculadas por um jornal mineiro, cujo público alvo é, sobretudo e principalmente, o povo mineiro.

O enunciador se inscreve como personagem do percurso semântico da memória, de maneira enfática, utilizando a repetição dos pronomes de primeira pessoa, conforme podemos observar nos destaques da passagem “eu trago dentro de mim a lembrança das sextas feiras da paixão de minha infância” (linhas 4 e 5).

Todas as personagens mobilizadas nos percursos semânticos da liberdade e da cultura estão mobilizadas, também, no percurso semântico da memória, uma vez que aqueles estão sobrepostos a este.

O percurso semântico da memória constituiu-se, principalmente, sobre a importância do século XVIII na história de Minas e dos mineiros. Destacamos os temas da arte, da cultura, da política, da economia e dos movimentos libertários. Temas esses encontrados nos percursos semânticos da cultura e da liberdade, sobrepostos ao da memória.

O trecho a seguir é um dos que expõem o posicionamento favorável do enunciador sobre os movimentos culturais, políticos e econômicos ocorridos nos “oitocentos dos mineiros e do Brasil” (linha 18). Para o cronista, eles foram decisivos na formação do estado de Minas Gerais e, principalmente, na forma particular de ser do povo mineiro:

“A arte, a cultura, a política, a economia, o desejo de liberdade – todos os fios se unem para tecer o novelo da história de Minas no século XVIII. É assim, e é aí, que nasce e cresce a alma de Minas, esse espírito de poesia e música, esse sentimento especulativo e conciliador, esse compreender que a totalidade, o país, está acima de tudo. A liberdade está no sangue dos mineiros, assim como o amor à vida, à lua, à cachaça e aos semelhantes” (linhas 27 a 31).

2.5 – Crônica 05: “Um homem exemplar”

Em uma crônica publicada por ocasião da morte de Mário Covas, Fernando Brant presta uma homenagem ao “homem e político que ele [Covas] era” (linha 8). O título já contém uma avaliação sobre a personagem principal – “exemplar” – que registra o ponto de vista do enunciador, justificado ao longo da crônica e reafirmado no último período: “E me espelho em seu exemplo”.

A crônica apresenta três percursos semânticos principais: o percurso semântico do espírito público (sublinhado), o percurso semântico da memória (em negrito) e o da cultura (em itálico). Os traços distintivos subjacentes são, respectivamente, /responsabilidade coletiva/, /permanência/ e /conhecimento/.

Um homem exemplar (*Clube dos gambás*, p. 88-90)

O telefone toca, eu atendo, e do outro lado uma voz conhecida, mas não íntima, fala: “Fernando?, aqui é o Mário.” Era o final de 1989 e a voz tonitruante de Mário Covas me falava de seu agradecimento pelo fato de eu ter subido e falado em seu palanque de candidato à Presidência da República. Derrotado, mais o Brasil do que ele, se veria a seguir, gastava seu tempo a distribuir gentilezas para os mais humildes de seus colaboradores e companheiros. O que me encanta até hoje nessa demonstração carinhosa é que se ela não ocorresse minha admiração não diminuiria. Eu estive no comício de Maceió no exercício sincero de meu dever e poder de cidadão. Não esperava nenhuma retribuição. Mas o tal do Covas era diferente: tratando-se do homem e político que era, ele não deixaria nunca de ser coerente com sua trajetória solidária. Com sua civilidade brasileira. Sou daqueles que entende [sic] a importância da política na vida das pessoas e não concordo com os que dizem odiar a política, que todos os políticos são iguais. Meu terreno é outro, o das artes, das palavras e da música. Mas é também o mesmo, pois sou cidadão, habitante da polis¹, a cidade, de onde vem o significado de política. O pão que comemos ou não, a água limpa ou suja que bebemos, a segurança e saúde que temos ou não, a nossa vida em sociedade depende muito das políticas que temos. Não é sem motivo que as chamadas organizações não-governamentais e o espírito empreendedor do voluntariado estão se espalhando pelo país e pelo mundo. Dar às [sic] costas aos problemas, reclamar sem agir é perder antes do [sic] jogo começar. Combater as ações maléficas dos governos, incentivar as positivas e exigir que o esforço de todos se reverta para todos é direito e obrigação. É ser político em sentido amplo.

¹ Em itálico no original.

20 A morte de um homem decente não pode ser a vitória dos indecentes, dos que ele combateu, dos que são o oposto do que ele era. Outros e muitos brasileiros decentes existem e seguirão o rumo que está traçado, de construção de um país mais digno e justo para seu povo. A cidade existe para as pessoas, o país existe é para as pessoas e elas, todas, necessitam de espaço e oportunidade.

25 A morte do bom político não é o fim da boa política, assim como a morte de um poeta não é o fim da poesia. Nem a morte dos canalhas é o fim da canalhice: eles teimam em sobreviver, como sobrevivem as baratas ao tempo, ao caos e às intempéries. O que fica, na ausência de Mário Covas, é a certeza de que é possível tratar com dignidade e competência a coisa pública. De que é possível se fazer política com afeto e dedicação, com coerência e honestidade, competência e espírito público. De que se deve ter um projeto de país. Nele não cabem os que só têm ambições pessoais. Nem os que se dizem honestos, e honestidade é apenas um pré-requisito, mas trazem a tiracolo corruptos e corruptores de longa história, irrecuperáveis.

30 Não choro por Mário Covas. Louvo e agradeço por ter sido seu contemporâneo e conterrâneo. E me espelho em seu exemplo.

O percurso semântico do espírito público apresenta como personagem principal “Mário Covas”, em torno da qual é construída toda a argumentação. A expressão “homem exemplar”, do título que sinaliza o posicionamento do enunciador, é recuperada no primeiro parágrafo em

“(…) o tal de Covas era diferente: tratando-se do homem e do político que era, ele não deixava nunca de ser coerente com sua trajetória solidária. Com sua civilidade brasileira”(linhas 7 a 9).

As outras personagens mobilizadas no percurso semântico em análise estão agrupadas em dois conjuntos. O primeiro apresenta “os [cidadãos] que dizem odiar a política, que [acreditam que] todos os políticos são iguais” (linha 10), aqueles cidadãos que dão “costas aos problemas” (linha 15) e reclamam “sem agir” (linha 15).

No primeiro parágrafo, o enunciador-personagem explicita a sua noção de política que irá embasar todo o percurso semântico do espírito público. Vejamos o trecho a seguir

“(…) sou cidadão, habitante da *polis*, a cidade, de onde vem o significado de política. O pão que comemos ou não, a água limpa ou suja que bebemos, a segurança e saúde que temos ou não, a nossa vida em sociedade depende muito das políticas que temos” (linha 11).

O segundo conjunto de personagens é constituído por “aqueles [cidadãos] que entende [sic] a importância da política na vida das pessoas” (linha 9), ou seja, personagens participantes da vida política, entre os quais o enunciador se inclui.

A análise do segundo conjunto leva à constatação de uma mobilização das personagens em dois subconjuntos.

Um dos subconjuntos é formado por personagens que apresentam participação negativa na política, de acordo com o discurso de Brant. Escolhas lexicais com carga semântica negativa assinalam o ponto de vista desfavorável do enunciador sobre tais personagens. Vejamos: “os indecentes” (linha 18), “o que ele”[Covas] combateu” (linha 18), “os que são o oposto do que ele [Covas] era” (linha 19), “os que se dizem honestos, e honestidade é apenas um pré-requisito, mas trazem a tiracolo corruptos e corruptores de longa história, irrecuperáveis” (linhas 27 e 28).

Em posição antagonica ao primeiro, o segundo subconjunto de personagens da vida política, do qual “Mário Covas” (linha 2) é personagem central, é constituído também “por outros e muitos brasileiros decentes” (linha 19), além de “organizações não-governamentais” (linha 14) e “voluntariado” (linha 14), entre outras personagens.

Na mobilização das personagens do segundo subconjunto é marcante o emprego de vocábulos que fixam positivamente, não só a imagem da personagem “Mário Covas”, mas também as suas atitudes e ações, tanto públicas quanto pessoais, e que se tornam referência para os cidadãos. É o caso das passagens “homem decente” (linha 18), “bom político” (linha 22), “a certeza de que é possível tratar com dignidade e competência a coisa pública” (linhas 24 e 25), entre outras.

Quando se faz personagem, o enunciador alinha-se às personagens do segundo subconjunto, nas passagens “sou daqueles que entende [sic] a importância da política na vida das pessoas” (linha 9) e “e me espelho em seu [Mário Covas] exemplo” (linha 30).

Por outro lado, o enunciador desqualifica as personagens do primeiro subconjunto, designadas por ele como maus políticos, ao empregar vocábulos com carga semântica negativa, como “canalhas” (linha 23), “corruptos e corruptores de longa história, irrecuperáveis” (linha 28). O sentido expresso pelo adjetivo “irrecuperáveis”, no terceiro parágrafo, relacionado a políticos “corruptos e corruptores”, retoma a idéia desenvolvida no início do parágrafo, em que o enunciador estabelece uma comparação entre maus políticos, canalhas e baratas. As expressões conectivas “assim como” (linha 22) e “nem” (linha 23), que relacionam a morte do homem decente e a do poeta com a morte dos “canalhas” (linha 22), explicitam o ponto comum a ambas: a morte dessas personagens não significa o desaparecimento da “boa política”, nem da “poesia”, nem da “canalhice” (linhas 22 a 24). Em seguida, o discurso estabelece uma

outra comparação entre a morte dos canalhas e a morte das baratas, pela semelhança que há entre elas – a capacidade de sobrevivência “ao tempo, ao caos, às intempéries” (linha 24).

Ainda em relação à escolha do vocábulo “baratas” (linha 23) para o estabelecimento de comparações referentes às personagens consideradas maus políticos, aqueles a quem falta espírito público, e que estão em relação antagônica com “bom político” e “poeta” (linha 22), a seleção lexical gera uma imagem altamente negativa e pejorativa.

E a rejeição do enunciador-personagem às características das personagens do primeiro subconjunto está marcada no trecho “não concordo com os que dizem odiar a política” (linha 10) e nos vocábulos avaliativos com carga semântica negativa como “canalhas” e “canalhice” (linha 23), entre outros.

Por outro lado, o enunciador-personagem marca sua rejeição às personagens que não assumem um compromisso público: “... não concordo com os que dizem odiar a política, que todos os políticos são iguais” (linha 10), “dar às [sic] costas aos problemas, reclamar sem agir é perder antes do [sic] jogo começar” (linha 15).

Quanto ao percurso semântico da memória, as personagens são em parte as mobilizadas no percurso semântico do espírito público. Aqui, particularmente no primeiro parágrafo (linhas 1 a 9), a crônica recorda a personagem Mário Covas. Ao reproduzir, utilizando o discurso direto atribuído àquela personagem, o início de um diálogo com Covas (linhas 1 e 2), Fernando Brant conduz o leitor a construir a imagem positiva do protagonista como um político simples e acessível.

O período “Meu terreno é outro, o das artes, das palavras e da música” (linhas 10 e 11) inicia o percurso semântico da cultura, no qual o enunciador se inscreve como personagem empregando o pronome “Meu” (linha 10). A associação entre o período citado e o período “Mas é também o mesmo, pois sou cidadão, habitante da *polis*, a cidade, de onde vem o significado de política” (linhas 11 e 12) estabelece conexão entre os percursos semânticos da cultura e do espírito público.

2.6 – Crônica 06: “Assim se passaram dez anos”

Destacamos na crônica, sublinhado, o percurso semântico do espírito público, e, em negrito, o percurso semântico da memória.

Assim se passaram dez anos (*Clube dos gambás*, p. 67-69)

Tanta coisa acontece no mundo, tantos são os fatos que se amontoam em nossa visão diária, que é quase impossível guardar na lembrança eventos que não deveriam ser esquecidos. A memória é traiçoeira e nem sempre ela retém o que é essencial. Dez anos se passaram do acontecido que eu vou narrar, e quase ninguém se lembra ou sabe do que houve. E esse olvido coletivo me dói muito e, creio, dói muito mais nos parentes do brasileiro cuja história eu quero trazer à tona.

Eu já ouvira falar dele, sua bravura já era lenda. Mas conhecê-lo, passar algumas horas escutando sua narrativa, fez com que eu percebesse estar diante de uma pessoa especial, única. Era um homem comum que comigo conversava em volta da mesa da casa de meus pais. Porém era a primeira vez na vida que eu trocava idéias e me encontrava com um tipo de gente que se pensa existir apenas na ficção: um herói.

O Capitão Sérgio era comandante do Parasar, um agrupamento de soldados da Aeronáutica brasileira ocupado em salvamentos. Na selva, na cidade e no campo – onde a coragem fosse necessária para salvar vidas – lá estavam eles, operários das boas causas, guardiães do que de melhor uma força armada de um país pode fazer pelo seu povo. Tudo ia bem, não fossem aqueles dias tempo de ditadura e burrice, de insânia e violência. As mentes criminosas são capazes de imaginar os piores despropósitos, as mais cruéis sandices.

Um dia, Sérgio e seus comandados receberam ordens que nunca ousariam prever. Queriam que abrissem mão de tudo que representasse honra e humanidade, de tudo o que eles eram até então. Deveriam desviar sua atenção da floresta amazônica e dos rios do país e se concentrar em ação infame.

Quando ele me contou, por exemplo, que uma das missões seria jogar napalm em passeatas estudiantis, eu que, como a maioria dos jovens brasileiros, andei pelas ruas pedindo liberdade e justiça, me arrepiei. É assim que uma parte podre do poder queria enfrentar as idéias. Matando e deformando sua juventude. Entre várias iniciativas assassinas, queriam que o bravo Parasar destruísse o gasômetro da cidade do Rio de Janeiro. Seria a morte de centenas de milhares de pessoas. O objetivo era colocar a culpa na oposição e fechar mais o regime. Sérgio Macaco, assim ele era chamado pelos seus, se insurgiu contra planos tão loucos e insensatos. Essa reação custou-lhe a exclusão da vida militar, mas impediu que a barbárie se efetivasse.

Expulso, ele brigou por anos, na justiça, para ser reintegrado. Não aceitou ser anistiado, pois quem não tem culpa não precisa ser perdoado. Venceu, finalmente, a batalha final [sic] o Supremo Tribunal Federal ordenou que o presidente da República o reintegrasse, na posição máxima [sic] que poderia

chegar se não tivesse sido perseguido. Ao mesmo tempo em que isso ocorria, ele padecia de um câncer em fase terminal. Todos alertaram o presidente Itamar Franco para que assinasse o ato de reintegração antes que o capitão viesse a morrer. Em atitude covarde e desumana, ele teve o topete de deixar o tempo passar, desprezando a decisão da justiça e a dignidade do herói. Só quando o capitão já não estava entre nós é que o ato foi assinado.

No percurso semântico da memória, nos dois primeiros parágrafos o enunciador anuncia seu propósito ao escrever sobre a personagem e o justifica com as passagens “a memória é traiçoeira e nem sempre ela retém o que é essencial” (linhas 2 e 3), “e esse olvido coletivo me dói muito e, creio, dói muito mais nos parentes do brasileiro cuja história eu quero trazer à tona” (linhas 4 e 5).

A mobilização da personagem central “Capitão Sérgio” (explícita a partir da linha 11) é feita com determinadas escolhas lexicais que pretendem marcar sua dupla condição: “homem comum” (linha 7) e “herói” (linha 10). A imagem do “herói” é configurada também a partir das escolhas “sua bravura que já era lenda” (linha 6), “pessoa especial, única” (linha 7), “tipo de gente que se pensa existir apenas na ficção” (linha 9).

A mesma admiração pode ser observada nas referências à personagem coletiva “Parasar, um agrupamento de soldados da Aeronáutica brasileira ocupado em salvamento” (linhas 11 e 12), a quem o enunciador se refere com uma lexicalização que expressa respeito pelo trabalho que desenvolviam, conforme comprova a passagem abaixo, da qual ressaltamos, especialmente, os índices de avaliação sublinhados:

“Na selva, na cidade e no campo – onde a coragem fosse necessária para salvar vidas – lá estavam eles, operários das boas causas, guardiães do que de melhor uma força armada de um país pode fazer pelo seu povo” (linha 12 a 14).

Outras personagens mobilizadas no percurso semântico da memória são: “parentes do brasileiro” [Capitão Sérgio] (linha 5), “jovens brasileiros” (linha 21), “Supremo Tribunal Federal” (linha 29), “Presidente Itamar Franco” (linha 32) e o próprio enunciador, que se inscreve na crônica, em primeira pessoa do singular, desde o primeiro parágrafo (linhas 3 a 5).

Os explícitos “mentes criminosas” (linha 15), “queriam que o bravo Parasar destruísse o gasômetro” (linha 23), e “expulso” (linha 28) deixam implícitas, subentendidas, as personagens às quais Capitão Sérgio se opôs: autoridades militares do período político ditatorial.

O segundo percurso semântico, o do espírito público, mobiliza algumas das personagens que aparecem no percurso semântico da memória, uma vez que aquele percurso se encontra sobreposto a este.

Destacamos “Capitão Sérgio” (linha 11), “Parasar” (linha 11), “a maioria dos jovens brasileiros” (linha 21) como personagens que apresentam em comum o espírito público, o compromisso com o país e com o seu povo. O enunciador se inclui entre elas, com a passagem “eu que, como a maioria dos jovens brasileiros, andei pelas ruas pedindo liberdade e justiça, me arrepiei” (linhas 21 e 22).

Em relação antagônica, um outro grupo de personagens, com características e atitudes opostas, é formado por “mentes criminosas” (linha 15), “uma parte podre do poder” (linha 22).

Para se referir à personagem “Itamar Franco” (linha 32) e a sua participação no ocorrido, o enunciador lança mão de passagens como “atitude covarde e desumana” (linha 33), “desprezando a decisão da justiça e a dignidade do herói” (linha 34). A ironia implícita na passagem “ele teve o topete de deixar o tempo passar” (linha 33) induz o leitor a recuperar uma imagem caricatural e pejorativa da personagem e que faz parte do imaginário brasileiro.

Cabe assinalar que o título da crônica remete a “assim se passaram dez anos”, que é o primeiro verso de uma canção gravada por Emilinha Borba executada com frequência nas paradas de sucesso de algumas rádios brasileiras na década de 50.

2.7 – Crônica 07: “ A escola e o quartel”

Os trechos sublinhados, na crônica abaixo, referem-se ao percurso semântico do espírito público. Os trechos em negrito, ao da memória. As passagens em itálico integram o percurso semântico da liberdade.

A escola e o quartel (*Clube dos gambás* , p. 61-63)

Meu coração dói quando passo em frente ao quartel da Polícia Militar na Gameleira. *Vejo os sentinelas armados e firmemente postados em atitude de vigilância, prontos para impedir a passagem de qualquer um de nós, cidadãos civis isolados daquele mundo de fardas e continências. Nada contra a PM mineira, comprovadamente uma das mais bem preparadas do país. Mas aquele lugar, a enorme área construída à beira da avenida Amazonas, já teve outra destinação e, juro, era melhor.*

Ali, onde trabalham hoje os policiais de nossa segurança, andavam e corriam meninos e meninas, sem pai nem mãe, acolhidos pelas generosas e carinhosas mãos de dezenas de professores. Homens e mulheres se dedicavam, naquele espaço, a construir vidas saudáveis, a abrir horizontes para os pequenos que, sem essa ajuda, seriam párias, mendigos ou bandidos.

Os tempos eram mais amenos, a cidade caminhava devagar e sua população era menor e não vivia pendurada em prédios e favelas. Foi no fim dos anos cinquenta e início dos sessenta. O lugar era o CROMP, Centro de Recuperação e Orientação Mendes Pimentel, se a memória não me falha.

As crianças aprendiam de tudo ali. Havia o curso primário, normal, em um turno. No resto do tempo elas tinham oficinas diversas: padaria, serralharia, marcenaria, sapataria. E biblioteca, cinema e teatro. E muita comida boa, cama limpa e companheirismo. E também esporte. Quando chegavam aos 12 anos, eram deslocadas para uma outra instituição, um pouco mais abaixo, quase colada: o Instituto João Pinheiro. Aí elas permaneciam até a maioridade. Saíam dali preparadas para ter uma vida decente, aptas para exercer diversas profissões, bem educadas. Ainda devem andar e viver em nossa Belo Horizonte muitos cidadãos e cidadãs formados naquelas escolas.

Falo isso por ter visto e vivido aquela experiência. Meu pai juiz de menores, passei belos dias naquele sítio. Comi do pão que eles fabricavam, e garanto que era excelente. Guardo com emoção a lembrança daquela meninada bem cuidada e amada.

Um dia, por ocasião do golpe de 64, mandaram os meninos para a região de Sete Lagoas e instalaram ali, provisoriamente, onde até hoje se encontra, a Polícia Militar. Em Sete Lagoas, os meninos nunca mais

25 tiveram o tratamento de antes. A escola de vida se transformaria em formadora de marginais, que, mais à frente, se defrontariam com a PM que os desalojara.

Gostaria de acrescentar – ao currículo do banqueiro, governador e golpista Magalhães Pinto – mais esta façanha: transformou em quartel o lugar que era escola de vida e cidadania.

O percurso semântico da memória mobiliza, metonimicamente, já no título da crônica, duas personagens coletivas principais em torno das quais agrupam as outras: “escola” e “quartel”. O substantivo “escola” refere-se na crônica não apenas ao espaço físico, ao prédio, mas também designa, implicitamente, por contigüidade de sentido, o conjunto de professores, alunos e funcionários de uma escola. Da mesma forma, o termo “quartel” não significa apenas edifício, alojamento para tropas, mas também o corpo de soldados que faz parte de um agrupamento militar.

Como partes da personagem coletiva “escola” estão mobilizadas “meninos e meninas” (linha 6), “professores” (linha 7), “CROMP” (linha 12), “Instituto João Pinheiro” (linhas 16 e 17).

A personagem coletiva “quartel” é retomada com as escolhas lexicais “sentinelas” (linhas 1 e 2), “PM mineira” (linha 3) e “policiais” (linha 6). Em relação antagônica a esse grupo de personagens, ainda no percurso semântico da memória, estão mobilizadas as personagens “cidadãos civis” (linha 3); e o enunciador, que se inclui entre eles, com emprego do pronome “nós” (linha 3). O antagonismo entre os dois conjuntos de personagens é estabelecido pelo trecho

“Vejo sentinelas armados e firmemente postados em atitude de vigilância, prontos para impedir a passagem de qualquer um de nós, cidadãos civis isolados daquele mundo de fardas e continências” (linhas 1 a 3).

No trecho abaixo

“Um dia, por ocasião do golpe de 64, mandaram os meninos para a região de Sete Lagoas e instalaram ali, provisoriamente, onde até hoje se encontra a Polícia Militar” (linhas 23 e 24)

o emprego indeterminado das formas verbais “mandaram” (linha 23) e “instalaram” (linha 23), somado à informação “por ocasião do golpe de 64” (linha 23), deixa implícitas, subentendidas,

as personagens autoridades civis e militares envolvidas no golpe e responsáveis pela mudança da escola e pela instalação do quartel.

No percurso semântico da memória, no do espírito público e no da liberdade, como veremos em seguida, aparece recuperada de maneira explícita a principal personagem responsável pela mudança. O posicionamento em relação à personagem e a seu ato foi registrado recorrendo-se à lexicalização. Referindo-se ao currículo da personagem “Magalhães Pinto” (linha 27), o enunciador acrescenta o vocábulo “golpista” (ibidem). Ao relacionar os vocábulos “golpista” e “façanha” (linha 28), o sentido negativo do primeiro contamina o segundo e acrescenta um significado irônico que marca o discurso sobre o ato cometido pela personagem.

No quinto parágrafo, em parte da justificativa sobre seu ponto de vista acerca da personagem coletiva “escola”, o enunciador inclui entre as personagens o próprio “pai” (linha 20), designando a função que este exercia na época: “juiz de menores” (linha 20). As escolhas “ter visto e vivido” (linha 20) e o emprego da primeira pessoa conferem autoridade ao depoimento.

O percurso semântico da liberdade, em itálico e sobreposto ao da memória, apresenta dois grupos de personagens em relação antagônica. O enunciador lança mão da seleção lexical como estratégia para mobilizar os dois grupos e marcar não apenas a oposição entre eles, mas sobretudo o posicionamento do seu discurso em relação a cada um.

O trecho abaixo afirma o posicionamento sobre as personagens “quartel” e “escola”:

“Mas aquele lugar, a enorme área construída [quartel] à beira da avenida Amazonas, já teve outra destinação [escola] e, juro, era melhor” (linhas 4 e 5).

As escolhas lexicais referentes a “quartel” apontam para ausência de liberdade; vejamos o trecho

“Vejo os sentinelas armados e firmemente postados em atitude de vigilância, prontos para impedir a passagem de qualquer um de nós, cidadãos civis isolados daquele mundo de fardas e continências.” (linhas 1, 2 e 3)

Além disso, ao se referir à personagem coletiva “quartel”, atual ocupante do espaço onde funcionava a escola, o enunciador registra seu sentimento com o trecho “meu coração dói” (linha 1).

Por outro lado, referindo-se à personagem coletiva “escola”, que ocupava o espaço do quartel antes de 1964, o sentimento do enunciador é manifestado com carga semântica positiva na passagem “guardo com emoção a lembrança daquela meninada bem cuidada e amada” (linhas 21 e 22), entre outras.

A valorização positiva da personagem “escola” parte de vocábulos que apontam para temas como liberdade, acolhimento, proteção, dignidade, consciência do outro, lazer, educação, formação profissional; enfim, construção de cidadãos. Vejamos algumas passagens: “andavam e corriam meninos e meninas”(linha 6), “generosas e carinhosas mãos” (linha 7), “construir vidas saudáveis” (linha 8), “abrir horizontes” (linha 8) .

O discurso de Fernando Brant estabelece uma oposição entre a liberdade desfrutada por jovens e crianças, no fim dos anos 50 e no início dos anos 60, e a falta de liberdade que, após 1964, limitou suas vidas e diminuiu as chances de se tornarem cidadãos. A data da ruptura vem marcada com carga semântica negativa, com o emprego do vocábulo “golpe”, na passagem “um dia, por ocasião do golpe de 64, mandaram os meninos para Sete Lagoas” (linha 23).

Em relação ao percurso semântico do espírito público é importante ressaltar que algumas das personagens nele mobilizadas também fazem parte do percurso semântico da memória; e outras, do percurso semântico da liberdade.

Destacamos “PM mineira” (linha 3), “dezenas de professores” (linha 7), “homens e mulheres” (linha 8), “meninada bem cuidada e amada” (linha 22), presentes nos percursos semânticos do espírito público e no da memória.

As personagens mobilizadas no percurso semântico do espírito público e no da liberdade são “cidadãos e cidadãs formados naquelas escolas” (linha 19), entre outras.

No trecho “ali, onde trabalham hoje os policiais de nossa segurança” (linha 6), que faz parte dos três percursos semânticos, as escolhas lexicais referentes aos policiais mineiros apresentam sentido positivo, expressando o ponto de vista do enunciador sobre tais personagens.

O enunciador registra explicitamente o seu posicionamento favorável à polícia mineira também com o trecho “nada contra a polícia mineira, comprovadamente uma das mais preparadas do país” (linhas 3 e 4). Esse mesmo trecho explícito apresenta implícita, subentendida, a afirmação de que esse ponto de vista pode não ser o mesmo em relação às PMs de outros estados. Apresenta ainda implícito, pressuposto, de que existem outras PMs no país não tão bem preparadas quanto a PM mineira.

No sexto parágrafo, nos trechos “por ocasião do golpe de 64” (linha 23), “instalaram ali, provisoriamente, onde até hoje se encontra [quartel]” (linha 24), a associação do advérbio “provisoriamente” com a passagem “até hoje se encontra” apresenta implícita, subentendida, a ironia.

2.8 – Crônica 08 – “O homem e sua natureza”

O percurso semântico do espírito público aparece sublinhado; o da memória, em negrito; e parcialmente superposto a eles o da liberdade, em itálico. Seus respectivos traços distintivos são /responsabilidade coletiva/, /permanência/ e /autonomia/.

O homem e sua natureza (*Clube dos gambás*, p. 159-161)

“Eu tenho esses peixes e dou de coração
eu tenho essas matas e dou de coração.”

(*Milagre dos peixes*, música de Milton
Nascimento e letra de Fernando Brant)

A humanidade possui a tendência de se esquecer de que é racional e, muitas vezes, se comporta como gado. Faz o que não deve, acompanha ordens malucas. A reação à insanidade humana, as rebeliões contra os atos que a maioria aceita mas a inteligência desaprova geralmente nascem de poucos e, quase sempre, esses primeiros insubordinados agem de forma violenta. Foi assim quando surgiu o movimento feminista, quando se levantaram as primeiras vozes contra a escravidão e o preconceito, quando soaram os clarins de alerta contra o desrespeito à natureza e ao meio ambiente. Com o tempo, se as idéias tidas como exóticas se comprovam, a população passa a entender o que diziam os profetas e esses gritam menos e explicam mais. O bom senso se instala.

Lembro-me da primeira vez em que escrevi sobre poluição das águas e do ar. Era 1969, e eu, repórter da revista *O Cruzeiro* em Belo Horizonte, fui cobrir um seminário sobre o assunto na Faculdade de Engenharia. Os dados, descritos naquele estilo pouco claro dos textos acadêmicos, eram assustadores. Mas eram a primeira ladainha de uma longa missa. Naqueles tempos, em que se discutiam os sonhos rebelados de 68 e que a marcha da ditadura se anunciava para os brasileiros, meio ambiente e poluição eram temas periféricos, insignificantes. Mesmo assim eu saí pelas estradas de Minas para colher imagens dos rios sujos, dos ares enfumaçados, dos esgotos das casas e das indústrias. Já era feia a situação e as consciências estavam muito longe do acordar.

Hoje a sociedade reconhece o problema e cobra soluções. O rio limpo e o esgoto tratado significam saúde e vida. O que as indústrias e os meios modernos jogam no ar deve ser filtrado. As matas precisam ser preservadas. O progresso tem de desenvolver o homem, e não matá-lo.

Beber água limpa e comer os peixes saudáveis de rios hoje poluídos é um sonho atingível. Respirar um ar mais puro também. As mudanças do clima do mundo são um aviso claro para a necessidade de se modificar nosso comportamento. Eu acredito que a humanidade já entendeu o recado. Apesar dos Bushes da vida, penso que caminhamos para fazer o que a inteligência e o instinto de sobrevivência nos indica. Viva a vida!

Uma primeira leitura do título “o homem e sua natureza” induz à compreensão de que a crônica tratará da natureza do ser humano, da essência humana. A partir da epígrafe, um outro sentido se agrega ao primeiro, e juntos anunciam a temática: o enunciador manifesta seu ponto de vista sobre a relação homem x natureza. Isso será confirmado, principalmente, pelas escolhas lexicais.

Analisando a epígrafe da crônica, observamos que ela se refere a dois versos de uma canção. Vejamos os versos

“Eu tenho esses peixes e dou de coração
eu tenho essas matas e dou de coração”.

O pronome “eu”, nas duas ocorrências, com função sintática de sujeito, refere-se à personagem “homem” anunciada no título da crônica. Essa personagem oferece os metonímicos peixes e matas, dos quais desfruta e que são fornecidos pela natureza.

Ainda em relação à epígrafe, lembramos que o título da canção “Milagre dos peixes” deixa implícito, subentendido, o discurso cristão acerca da solidariedade, uma vez que o sintagma nominal “Milagre dos peixes” recupera um episódio bíblico que prega a divisão dos alimentos entre os homens.

A personagem coletiva “homem”, anunciada no título, é retomada ao longo da crônica com as designações “humanidade” (linha 1) e “população” (linha 7). Na relação homem/natureza esta é designada pelas escolhas lexicais “meio ambiente” (linha 13), “águas” (linha 9), “rios” (linha 14), “matas” (linha 18), “peixes” (linha 20) e “clima” (linha 21).

Parte das personagens é mobilizada nos percursos semânticos do espírito público, da memória e da liberdade, uma vez que em alguns trechos da crônica eles se encontram sobrepostos.

Passemos à análise dessas personagens. A personagem coletiva explícita “maioria” (linha 3), no primeiro parágrafo, apresenta implícitas, subentendidas, personagens que se acomodam diante de quaisquer situações. E os explícitos “poucos” (linha 3) e “primeiros insubordinados” (linha 4) referem-se àquelas personagens que se insurgem contra os atos prejudiciais à “maioria”.

Ainda nos percursos semânticos do espírito público, da memória e da liberdade, a crônica apresenta as personagens coletivas “movimento feminista” (linha 4), “primeiras vozes

contra a escravidão e o preconceito” (linha 5), “clarins de alerta contra o desrespeito à natureza e ao meio ambiente” (linhas 5 e 6).

As personagens “população” e “profetas” (linha 7) são mobilizadas no percurso semântico do espírito público e no da memória.

Nas passagens “lembro-me da primeira vez que escrevi” (linha 9) e “eu (...) fui cobrir um seminário sobre o assunto” (linhas 10 e 11), o enunciador se faz presente com pronomes e verbos na primeira pessoa, o que confere autoridade ao seu discurso, uma vez que relata, em trecho que faz parte dos percursos semânticos do espírito público e da memória, sua experiência como repórter cobrindo as primeiras ações que manifestavam preocupação com a poluição das águas e do ar. A época a que se refere o episódio é marcada pela data “1969” (linha 9).

Os conflitos que marcaram o início do movimento de defesa da natureza são explicitados no discurso com expressões que apontam para a dificuldade de conscientização de parte da sociedade. Vejamos algumas passagens: “reação à insanidade humana” (linha 2), “esses primeiros insubordinados agem de forma violenta” (linha 4), “idéias tidas como exóticas” (linha 6) e “esses [os profetas] gritam menos e explicam mais” (linha 7).

Observemos o trecho abaixo, no qual o enunciador faz referências aos resultados dos primeiros estudos relativos às preocupações da sociedade com a natureza e o meio ambiente:

“Os dados, descritos naquele estilo pouco claro dos textos acadêmicos, eram assustadores. Mas eram a primeira ladainha de uma longa missa” (linhas 11 e 12).

Em outra vinculação ao discurso religioso católico, Fernando Brant emprega os vocábulos “missa” e “ladainha” designando, metaforicamente, as primeiras preocupações que levariam ao início do movimento de preservação ambiental que perdura até hoje. O vocábulo “ladainha”, entre outros sentidos, apresenta no uso informal, coloquial, o sentido de repetição, de se repisar sempre as mesmas idéias.

Entre os obstáculos enfrentados pelos primeiros “profetas” do movimento de proteção à natureza, a crônica aponta a situação política autoritária, objeto de preocupação dos cidadãos na época, final dos anos 60. Vejamos o trecho

“Naqueles tempos em que se discutiam os sonhos rebelados de 68 e que a marcha da ditadura se anunciava para os brasileiros, meio ambiente e poluição eram temas periféricos, insignificantes.” (linhas 12 a 14).

Nesse trecho, parte dos três percursos semânticos, a passagem “a marcha da ditadura se anunciava para os brasileiros” pode ser lida também com o implícito, subentendido, do ritmo marcado, imposto, que caracteriza o caminhar dos pelotões de soldados.

No percurso semântico da liberdade e no da memória, duas personagens estão mobilizadas antagonicamente: “maioria” [dos cidadãos que agem] “como gado” (linhas 2 e 3) e “poucos [cidadãos que não se deixam submeter]” (linha 3). Em seguida, essa última personagem é retomada como “esses primeiros insubordinados” (linha 4).

Outras personagens mobilizadas no percurso semântico da liberdade são participantes do movimento feminista (linha 4); cidadãos opositores da escravidão e do preconceito (linha 6) e ainda os “brasileiros” (linha 13).

O enunciador se inscreve como personagem, no final da crônica, com o emprego de pronomes e verbos em primeira pessoa. A forma verbal “penso” (linha 22), além de marcar a mobilização do enunciador como personagem individual, explicita seu posicionamento em relação à temática tratada, uma vez que, entre outros sentidos, o vocábulo “pensar” significa “acreditar,” retomando este último vocábulo, empregado no período anterior: “eu acredito que a humanidade já entendeu o recado” (linha 22).

O emprego da forma verbal “caminhamos” e do pronome “nos” (linha 23) aponta para o sentimento de solidariedade e para a atitude de responsabilidade coletiva, características do discurso enunciado na crônica.

O percurso semântico do espírito público, sobreposto ao da memória em dois parágrafos da crônica, corresponde ao despertar das consciências para algo que afeta os direitos de toda a sociedade e de cada um, individualmente. Nesse sentido, a realidade atual, em que avança a consciência da responsabilidade de cada cidadão consigo mesmo e com o outro, no sentido de proteção mútua, em relação à qualidade de vida, direito de todos, pode ser observada nos dois últimos parágrafos e reafirmada na frase “Eu acredito que a humanidade já entendeu o recado” (linha 22).

Ainda no percurso semântico do espírito público, o sintagma nominal “Bushes da vida” (linha 22) refere-se, de forma pejorativa, à personagem presidente dos Estados Unidos e àquelas que apresentam posicionamento semelhante ao dele em relação à temática da crônica. Está implícito, subentendido, o Protocolo de Kyoto, entre outras iniciativas que visam ao equilíbrio do meio ambiente e atribuem responsabilidades a todos os governos no combate ao superaquecimento da Terra. A referência explícita à personagem coletiva “Bushes da vida” deixa im-

plícito, subentendido, o posicionamento do presidente norte-americano, que se recusou a assinar o acordo de Kyoto, retirando-se das discussões por considerá-lo prejudicial à economia dos EEUU.

2.9 – Crônica 09 – “A vida é sinfonia”

Na crônica abaixo, identificamos o percurso semântico do espírito público, sublinhado, o da memória, em negrito, e o da cultura, em itálico.

A vida é sinfonia (*Clube dos gambás*, p. 141-143)

As forças da beleza quando se unem nos levam ao melhor dos mundos. Gilberto Gil e Milton Nascimento cantando e compondo juntos é um acontecimento que só poderia trazer deslumbramento e gozo, como realmente tem acontecido, e os mineiros puderam comprovar recentemente no palco do Palácio das Artes. Eu tenho uma tendência inabalável a acreditar na união do bem, dos bons, da qualidade e da virtude. É uma herança

5 *que recebi e conservo com muito gosto. **Meu irmão Paulinho cita uma frase, de não sei quem, que acho admirável: “As pessoas de bem devem ter a audácia dos canalhas”.** Na vida e no trabalho, quem é de bem, quem faz o bom, tem de ser audaz.*

Nascemos sem entender o que está acontecendo e chega um momento em que reconhecemos algumas pessoas, os que nos cercam, que atendem a nossos chamados e desejos. Somos o centro do mundo, nosso olhar

10 *delimita o que existe e o que não existe. O sentimento que temos é o de que nada haveria sem nossa visão e vontade. No início, na primeiríssima infância, somos diretor, autor e ator principal do filme. Somos o que mais tarde nos ensinarão a chamar de Deus. Mas a realidade e a vida vão, aos poucos, minando essa nossa onipotência.*

Crescer é compreender que existe o outro, os outros, é ter noção de nossa insignificância diante do universo das coisas. Assim como o ato de conhecer nos leva à descoberta de que existem mais coisas que ignoramos,

15 *quem cresce – e tem gente que adquire idade mas não cresce – sabe que, sozinhos, não valem nada. Que, diante da imensidão que nos cerca, somos menos que o cocô do cavalo do bandido. Alguns pensam que sua posição política, econômica, social ou profissional é bastante para elevá-los à condição de senhores da vida e do destino, reizinhos ridículos com falsos poderes.*

Tenho predileção pelas letras minúsculas e com elas vou compondo minha trajetória, certo de que as

20 *maiúsculas só se prestam ao que é coletivo. **Aprendi desde cedo que todo poder é ridículo e, também, que o poder não tem o poder de esconder eternamente a verdade.***

Qual a razão desta conversa, se eu comecei falando no encantamento de ver e ouvir as vozes e os talentos de Milton e Gil? É que a música nos dá boas lições, além do prazer estético que nos proporciona. Nas orquestras se percebe com clareza a força que existe na união dos solos que torna possível o sinfônico. O som de cada um é apenas o som de cada um. É apenas uma unidade musical que pode ser bela, mas não basta. Juntos, no entanto, os sons são milagre, epopéia. A conjunção da sonoridade dos vários instrumentos nos traz as diversas melodias e a harmonia; o conjunto é que nos põe diante da grandeza de nossa aventura, de nossa existência: precisamos crescer para entender que a união do que temos de particular, nossa individualidade, com o que

25

30 temos de semelhante, nossa humanidade, nos leva a realizar os conceitos que mais nos aproximam do divino: amor, amizade, liberdade, justiça, solidariedade. Beleza. Seguindo estes princípios, a música vale a pena. A vida vale a pena.

O vocábulo “sinfonia” empregado com a função gramatical de predicativo, referindo-se ao sujeito “a vida”, no título da crônica, pode ser lido nos percursos semânticos da cultura e da memória como lembrança de conjunto de sons agradáveis ao ouvido, união de sons caracterizada pela multiplicidade de executantes e pela diversidade de timbres. No percurso semântico do espírito público “sinfonia” pode ser lida, metaforicamente, como conjunto variado e harmônico referindo-se à união “do bem, dos bons, da qualidade e da virtude” (linha 4).

O percurso semântico da memória constitui-se sobre, entre outros, o tema da música; no caso, com a admiração do enunciador pela união de talentos de duas personagens individuais mobilizadas nesse percurso semântico: “Gilberto Gil” e “Milton Nascimento” (linhas 1 e 2). Estão mobilizadas, além delas, a personagem coletiva “mineiros” [que assistiram à apresentação] (linha 3) e o enunciador, que é marcado como personagem individual em alguns trechos, como “eu tenho” (linha 4), “recebi” (linha 5), “aprendi” (linha 20). Por outro lado, o enunciador é parte de personagem coletiva quando se inclui entre outros seres humanos, em “nascemos” (linha 8), “somos” (linhas 9 e 11), “nosso olhar” (linha 9), entre outras.

O percurso semântico do espírito público é constituído por reflexões que o enunciador apresenta sobre a evolução da consciência do homem na sua relação com o universo que o cerca. Algumas passagens registram isso, como

“Crescer é compreender que existe o outro, é ter noção de nossa insignificância diante do universo das coisas”. (linhas 13 e 14).

Estão mobilizadas nesse percurso semântico, entre outras, as personagens coletivas “[nós] nascemos” (linha 8) e “algumas pessoas, os que nos cercam” (linhas 8 e 9).

E a personagem coletiva “gente que adquire idade mas não cresce” (linha 15) apresenta implícitas, subentendidas, as pessoas imaturas.

Em “reizinhos ridículos” (linha 18), no terceiro parágrafo, o emprego do diminutivo “reizinhos”, além da idéia de pequenez, exprime desprezo e zombaria, apontando para um sentido pejorativo, depreciativo. Esse sentido, agregado à carga semântica negativa do vocábu-

lo “ridículos”, marca o posicionamento do enunciador em relação aos que se julgam poderosos.

O discurso posiciona-se desfavoravelmente ao poder, recorrendo às escolhas lexicais negativas como em “falsos poderes” (linha 18) e “todo poder é ridículo” (linha 20). O trecho “o poder não tem o poder de esconder eternamente a verdade” (linha 21) deixa implícito, pressuposto, que o poder esconde a verdade em algumas circunstâncias.

O enunciador-personagem está mobilizado em primeira pessoa do singular nos trechos

1 – “Eu tenho uma tendência inabalável a acreditar na união do bem, dos bons, da qualidade e da virtude” (linhas 3 e 4).

2 – “Tenho predileção pelas letras minúsculas e com elas vou compondo minha trajetória, certo de que as maiúsculas só se prestam ao que é coletivo. Aprendi desde cedo que todo poder é ridículo” (linhas 19 e 20).

Nos trechos acima, as escolhas lexicais com carga semântica positiva assinalam o posicionamento favorável do enunciador em relação ao espírito coletivo, solidário.

No segundo trecho, o discurso de Fernando Brant recorre à metáfora como estratégia discursiva para demarcar sua consciência sobre o papel e o lugar que ocupa no mundo, entre os outros seres. Para isso, recorre ao implícito subentendido metafórico referindo-se a sua própria história de vida com o sintagma nominal “letras minúsculas”. O sintagma nominal “as maiúsculas”, referindo-se ao interesse de todos, ao espírito coletivo, também implicitamente, metaforicamente, pode ser lido como algo de características superiores.

No percurso semântico da cultura também aparecem mobilizadas as personagens individuais Milton Nascimento e Gilberto Gil (linhas 1 e 23), além do enunciador, este a partir do pronome “eu” (linha 22). Como personagens coletivas estão mobilizadas “mineiros” (linha 3); e com o emprego de pronomes e verbos na primeira pessoa do plural o enunciador se inclui entre outros cidadãos, em “nossa”, “precisamos”, “temos” (linha 28), entre outras.

O discurso de Fernando Brant recorre à música para criar conexão entre o percurso semântico da cultura e o do espírito público, discorrendo sobre a força da união de diferentes timbres e acordes que torna possível a melodia resultante da harmonia. Ao estabelecer relação entre os princípios que regem a execução de uma melodia e os que norteiam a convivência fraterna “do bem, dos bons, da qualidade e da virtude” (linha 14), o discurso que emerge do texto assinala a crença na força do coletivo em busca do bem comum. Para demonstrar a equi-

valência entre os princípios que regem música e vida, Brant recorre à lexicalização. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1

<i>Equivalência de princípios</i>	
Música	Vida
União dos solos (linha 24)	Conjunto [de cidadãos] (linha 27)
Solo/ som de cada um (linhas 24 e 25)	Individualidade (linha 28)
Sons juntos (linhas 25 e 26)	Individualidade (linha 28) + Humanidade (linha 29)

Além da equivalência entre os princípios que regem música e vida, o texto estabelece equivalência estética entre elas. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 2

<i>Equivalência estética</i>	
<i>Música</i>	<i>Vida</i>
“o som de cada um é apenas o som de cada um. É apenas uma unidade musical que pode ser bela, mas não basta. Juntos, no entanto, os sons são milagre, epopéia. A conjunção da sonoridade de vários instrumentos nos traz a diversas melodias e a harmonia.” (linhas 25 a 27)	“ ... a união do que temos de particular, nossa individualidade, com o que temos de semelhantes, nossa humanidade, nos leva a realizar os conceitos que mais nos aproximam do divino: amor, amizade, liberdade, justiça, solidariedade. Beleza.” (linhas 28 a 30)

Observando os trechos transcritos no quadro acima verificamos que as escolhas lexicais realizadas não só estabelecem conexão entre os percursos semânticos da cultura e do espírito público, como também explicitam a relação de equivalência estética entre a música e vida.

Assim, no último parágrafo, estabelecendo uma comparação entre música e vida, a crônica recupera a temática anunciada no título e desenvolvida na progressão do texto.

2.10 – Crônica 10 - “Minas é meu lugar”

A crônica que analisaremos a seguir é a primeira publicada pelo *Estado de Minas* e apresenta três percursos semânticos: o da memória (em negrito), o do espírito público (sublinhado) e o da cultura (em itálico).

Minas é o meu lugar (*Clube dos gambás*, p. 11-13}

Palavra que eu não sabia como começar esta nossa conversa, primeira de muitas, espero. O mundo e Minas Gerais estão cheios de acontecimentos e eu sou apenas um cidadão nascido em Caldas que se vê pequeno diante da humanidade e do universo. Um pó que pensa, um pó que sente, um pó que ama. Um homem que teve a sorte de nascer entre pessoas de bem, são a maioria eu continuo acreditando, em uma terra especial habitada por gente muito especial. *Viver em Minas Gerais me faz ser, eu já disse em música, uma espécie de doido da montanha, um “fool on the hill”, observador sereno do caminhar do país.* Não por dote, mas por estar estacionado no melhor lugar para perceber o que se passa. (O jogo se vê melhor do alto e é lá que se instalam os comentaristas nos estádios da paixão. Mas não basta ver para entender. Tostão e Pelé viam, do chão, o que não via, do alto, a multidão.)

Sou, como todos, filho de pai e mãe. **Meu pai, juiz, passou para seus dez filhos a noção do direito e da justiça. Minha mãe, professora, carinho e conhecimento.** Tem de ser muito efedepê para não dar certo partindo dessa base. Meu alicerce é o convívio, a amizade, a alegria. Meu concreto é o mesmo que sustenta a humanidade desde que ela se fez: a família. Todos os problemas, defeitos e preconceitos que possam habitar as relações familiares de qualquer pessoa não devem destruir o que é da lei natural da vida. Foi com essa bagagem que eu parti para crescer em idade e conhecimento e tentar conquistar meu lugar no mundo.

Aqui, nesta cidade de montanhas e árvores, de amigos encontrados em cada esquina, fui aprendendo a lapidar em conversas e estudos a arte sublime da convivência, da compreensão, da democracia em seu grau mais amplo. Aceitar as diferenças e os diferentes, ter paciência para ouvir, desconfiar das palavras de ordem e do óbvio, não ter vergonha de pensar. *Na vida da cultura o que mais fascina é o fato de que todo conhecimento novo leva necessariamente à descoberta de novos desconhecimentos. Conhecer é sempre aumentar o buraco negro de nossa ignorância, é ficar ciente de que existem mais coisas que não sabemos. Este mistério é a riqueza maior da arte, da ciência e do espírito. Olho para meu futuro e, além dos afetos que plantei, enxergo com otimismo minhas possibilidades: o que existe de livros para ler, músicas para ouvir, filmes para ver é o bastante para me estesiarem por muito tempo.*

Gosto muito desta terra mineira, me sinto bem nesta cidade e amo de coração o Brasil. **Sou um otimista porque enxergo as coisas e pessoas boas que acontecem, sem negar a existência do lado podre e pobre do país e do mundo. Quem reclama já perdeu, dizia João Saldanha, e, entre quem reclama e quem age para mudar o rumo dos acontecimentos, estou sempre com o que faz. Entre as misérias e as alegrias, entre os impostos que martiri-**

30 zam todo começo de ano e os amigos que brindam à nossa saúde, entre o país que temos e o país que merecemos, entre a intolerância e a poesia, entre a poluição e a música – eu planto este espaço de conversa onde pretendo irrigar nossa esperança.

O título da crônica anuncia o posicionamento do enunciador em relação ao espaço onde nasceu e mora. A topicalização do vocábulo “Minas” aponta para a valorização do lugar a que se refere.

O explícito no trecho “não por dote, mas por estar estacionado” (linha 6) apresenta implícito, subentendido, o gosto do enunciador por morar em Minas; e recupera a idéia anunciada pelo título.

No final do primeiro parágrafo, o enunciador recorre ao emprego dos parênteses registrando metaforicamente uma relação entre o lugar ocupado pelos comentaristas esportivos e Minas Gerais, de onde ele observa o mundo. O explícito no trecho “e é lá que se instalam os comentaristas nos estádios da paixão” (linhas 7 e 8) apresenta implicitamente, metaforicamente, subentendido, o futebol, relacionando-o com os demais aspectos da vida, ao mesmo tempo em que estabelece uma relação entre o ofício de comentaristas esportivos e o ofício de cronistas.

Observemos agora o trecho abaixo:

“O mundo e Minas Gerais estão cheios de acontecimentos e eu sou apenas um cidadão nascido em Caldas que se vê pequeno diante da humanidade e do universo. Um pó que pensa, um pó que sente, um pó que ama.” (linhas 1 a 4)

Esse trecho aponta para outro aspecto do posicionamento ideológico do enunciador: a consciência de seu papel e de sua medida no mundo, em relação aos que o cercam. As escolhas lexicais “pensa”, “sente” e “ama” apresentam implícitas, subentendidas, condição humana e afinidade com os outros homens. A escolha lexical “pó” apresenta implícita, subentendida, a consciência do cronista acerca de sua pequenez e de sua efemeridade em relação ao universo e ao infinito.

Observemos também os trechos abaixo:

“Um homem que teve a sorte de nascer entre pessoas de bem, são a maioria eu continuo acreditando” (linhas 3 e 4)

“Meu pai, juiz, passou para seus dez filhos a noção de direito e de justiça. Minha mãe, professora, carinho e conhecimento”(linhas 10 e 11)

“Meu alicerce é o convívio, a amizade, a alegria. Meu concreto é o mesmo que sustenta a humanidade desde que ela se fez: a família” (linhas 13 e 14)

No primeiro trecho recortado, o enunciador marca sua crença nas pessoas que considera de bem, registro que pode ser identificado em crônicas anteriormente analisadas. Podemos citar “Viva o povo brasileiro”, “Nós, os montanhese” e “Um homem exemplar”, entre outras.

O segundo e o terceiro trechos apresentam, a partir das escolhas lexicais na determinação das personagens “pai”, “mãe” e “família”, registros da história pessoal do enunciador, no percurso semântico da memória, e referências à sua formação como cidadão, no percurso semântico do espírito público.

O enunciador anuncia seu propósito enquanto cronista, conforme a passagem final “eu planto este espaço de conversa onde pretendo irrigar nossa esperança” (linhas 30 e 31). As escolhas lexicais “plantar” e “irrigar” estabelecem, por implícito subentendido metafórico, uma comparação entre a vida humana e a vida vegetal.

O mesmo processo metafórico pode ser observado também na passagem “afetos que plantei” (linha 22), referindo-se à relação com os amigos. A expressão “irrigar nossa esperança” (linha 31), no final da crônica, aponta para o objetivo de Fernando Brant no ofício de escrever crônicas, ao mesmo tempo em que apresenta implícita, subentendida, pelo emprego do pronome “nossa”, compromisso com o coletivo, com o bem comum.

Observamos, ainda, o emprego da primeira pessoa do singular denotando ação, com a passagem “eu planto” (linha 30), que retoma o posicionamento do enunciador em relação à importância do agir, anteriormente expressa no trecho “entre quem reclama e quem age para mudar o rumo dos acontecimentos, estou sempre com o que faz” (linhas 27 e 28).

O trecho a seguir apresenta comentários sobre a cidade de Belo Horizonte e a relação do enunciador com ela, integrantes dos percursos semânticos da memória e do espírito público.

“Aqui, nesta cidade de montanhas e árvores, de amigos encontrados em cada esquina, fui aprendendo a lapidar em conversas e estudos a arte sublime da convivência, da compreensão, da democracia em seu grau mais amplo. Aceitar as diferenças de os diferentes, ter paciência para ouvir, desconfiar das palavras de ordem e do óbvio, não ter vergonha de pensar.” (linhas 16 a 19)

Nesse trecho, o discurso de Fernando Brant retoma algumas idéias apresentadas anteriormente, nas referências à família e ao papel que ela representou para sua formação. Vejamos a passagem “noção do direito e da justiça” (linha 11), empregada no início do segundo parágrafo referindo-se às lições recebidas do pai e da mãe; e o trecho “meu alicerce é o convívio, amizade e alegria” (linha 12).

No último parágrafo, Brant reafirma seu ponto de vista sobre Minas, Belo Horizonte e o Brasil com a passagem “Gosto muito desta terra mineira, me sinto bem nesta cidade e amo de coração o Brasil” (linha 26).

A personagem “João Saldanha” (linha 27), comentarista esportivo bastante conhecido nas décadas de 60 e 70, é mobilizada no percurso semântico do espírito público. Com a passagem “estou sempre com o que faz” (linha 28), o discurso de Fernando Brant recupera e assume o posicionamento ideológico do jornalista a respeito do agir para “mudar o rumo dos acontecimentos” (linhas 27 e 28).

No percurso semântico da cultura o discurso de Brant faz uma reflexão sobre o fato de que a aprendizagem de algo leva sempre ao surgimento de novas questões e à necessidade de resolvê-las. Para explicitar essa idéia, emprega um jogo de palavras com sentidos aparentemente contraditórios, como “conhecimento novo leva necessariamente à descoberta de novos desconhecimentos” (linha 20) e “conhecer é sempre aumentar o buraco negro de nossa ignorância” (linhas 20 e 21).

A utilização do verbo “estésiar” (linha 24) significando a capacidade de perceber sensações, relacionado às expressões “livros para ler, músicas para ouvir, filmes para ver” (linha 26), aponta para a importância da literatura, da música e do cinema, marcando o posicionamento do enunciador a esse respeito.

No final da crônica, o discurso de Fernando Brant une os percursos semânticos do espírito público e da cultura, ao estabelecer relação entre elementos antagônicos que fazem parte dos dois percursos. Estão contrapostos “misérias” x “alegrias”, “impostos que martirizam” x “amigos que brindam nossa saúde”, “país que temos” x “país que merecemos”, “intolerância” x “poesias” e “poluição” x “música” (linhas 28 a 30).

2.11 – Crônica 11 – “O rio São Francisco”

A crônica apresenta os percursos semânticos do espírito público, sublinhado, e da memória, em negrito. Os traços discursivos subjacentes são, respectivamente, /responsabilidade coletiva/ e /permanência/.

O rio São Francisco (*Estado de Minas*, 29 de junho de 2005)

Desde menino, mesmo antes dos bancos escolares, rio é imagem que me acompanha. Sou filho, além de meus pais, de pedra e água, de montes e nascentes d’água. No caminho de minha cidade eu passava pelo Paraúna e, enorme, o rio das Velhas. E, lá, eu me banhei no Jequitinhonha.

Quando li nos mapas o trajeto do São Francisco, me deslumbrei. O rio da unidade nacional, dizia a professora, repetindo os livros didáticos e os oradores pomposos. Eu me interessei em saber mais sobre ele, seu caminhar pelas terras brasileiras, suas barcaças e o povo que vive em suas margens.

Mais tarde, jornalista, fui até sua nascente, na serra da Canastra. Ouvi seus primeiros sussurros, o barulhinho invisível de água correndo dentro do mato. Mais à frente, o fio de água minúsculo, insignificante à primeira vista. Logo outros fios, vindo de todos os lados, se juntando e formando, já, um pequeno volume. Umhas centenas de metros adiante, um ribeirinho, um ribeirão. Alguns quilômetros, e ele já é um filhote aprumado, tanto que se despede do leite materno, caindo em cachoeira na Casca d’Anta e seguindo Brasil afora.

Quem conhece os rios brasileiros sabe de seu destino comum. Desprezados, eles foram tomados por todo tipo de esgoto, residencial ou industrial. Caminham para a morte em vez de caminhar para o mar. E, ao longo de seu curso, deixam em suas beiras uma multidão de homens, mulheres e crianças abandonados e famintos, miseráveis.

Esse é também o destino do São Francisco e seu povo. É triste andar por suas beiradas, assistir à lenta e monótona destruição de cidades e vidas, dependentes do peixe e da água. Mas a água está contaminada e os peixes acabando.

E quando se imagina que as inteligências e os esforços vão se juntar para salvar o nosso rio, torná-lo limpo e puro para as pessoas e os peixes, reinventa-se a megalomania e se varrem para longe as soluções simples e eficazes. A maioria dos estudiosos do assunto, e quem vê a questão com isenção, afirma que levar o rio doente para outras terras é uma insensatez.

Querem gastar R\$ 5 bilhões (quando falta dinheiro para as mínimas necessidades, segundo as repetidas justificativas do governo) para desviar o Velho Chico de seu rumo e levar sua água para alguns estados nordestinos. Ninguém consciente pode se opor a que se dê água a quem tem sede, a que se divida por todos o que é patrimônio de todos. Nem vou discutir aqui os estudos que indicam que não falta o líquido naquela região, haveria ausência de gestão.

Pelo amor de Deus: cuidem primeiro das águas do Chico e do povo que sobrevive em suas margens.

30 Feito isso, aí sim, será hora de rezarmos todos a oração de São Francisco.

O percurso semântico da memória funciona como introdução para o do espírito público. Nos três primeiros parágrafos, o enunciador apresenta lembranças de fatos de sua vida ligados a rios e, de modo especial, ao São Francisco.

No primeiro parágrafo, o enunciador se inscreve como personagem individual ao registrar lembranças da infância. Vejamos as passagens “o rio é imagem que me acompanha” (linha 1), “eu passava pelo Paraúna” (linhas 2 e 3), “enorme, o rio das Velhas” (linha 3) e “me banhei no Jequitinhonha” (linha 3). Nesse trecho está mobilizada a personagem “meus pais”, além do próprio enunciador.

As personagens mobilizadas no segundo parágrafo são “a professora”, “oradores pomposos” (linha 5), “o povo [que vive às margens do rio]” (linha 6) e o próprio enunciador, conforme podemos observar nas formas verbais em primeira pessoa “li” (linha 4) e “interessei” (linha 5). As lembranças referem-se à fase escolar da vida do enunciador, implícita, subentendida, nas expressões “li nos mapas” (linha 4), “professora” e “livros didáticos” (linha 5).

A escolha lexical “deslumbrei” (linha 4) marca a atitude em relação ao rio São Francisco. “Eu me interessei em saber mais sobre ele, seu caminhar pelas terras brasileiras, suas barcas e o povo que vive em suas margens” (linhas 5 e 6); nessa passagem destacamos as expressões “terras brasileiras” e “povo”, que anunciam aspectos que se tornarão freqüentes no discurso, marcando o seu ponto de vista político-ideológico.

O terceiro parágrafo apresenta registro das lembranças do enunciador já adulto, em contato com o rio São Francisco. O vocábulo “jornalista” (linha 7) apresenta implícito, subentendido, o objetivo da sua ida até a nascente do São Francisco, ou seja, a execução de trabalho relacionado à profissão.

Algumas escolhas lexicais referentes ao São Francisco conferem a esse rio atributos próprios de seres vivos, tais como “seus primeiros sussurros” (linha 7), “filhote apumado” e “se despede do leito materno” (linha 11).

Ainda em relação às escolhas lexicais, observamos o emprego de diminutivos como estratégia argumentativa, apontando para o posicionamento ideológico afetivo do enunciador em relação ao rio. Vejamos as expressões “barulhinho”, “minúsculo” (linha 8), “ribeirinho” (linha 10).

Para descrever o trajeto do São Francisco desde sua nascente, há utilização de locuções adverbiais espaciais que marcam a trajetória das águas a partir de sua nascente. Observemos as expressões em negrito no trecho

“Ouvi seus primeiros sussurros, o barulhinho invisível de água correndo dentro do mato. **Mais à frente**, o fio de água minúsculo, insignificante à primeira vista. Logo outros fios, vindo **de todos os lados**, se juntando e formando, já, um pequeno volume. **Umhas centenas de metros adiante**, um ribeirão, um ribeirão. **Alguns quilômetros**, e ele já é um filhote aprumado, tanto que se despede do leito materno, caindo em cachoeira na Casca d’Anta e seguindo **Brasil afora**.” (linhas 7 a 12)

No percurso semântico do espírito público estão mobilizadas, entre outras, as personagens coletivas “homens, mulheres e crianças [habitantes ribeirinhos]” (linha 15) e “estudiosos do assunto [transposição]” (linha 22). Implícitas, subentendidas às formas verbais “querem gastar” (linha 24) e “cuidem” (linha 29) identificamos as autoridades governamentais que pretendem efetuar a transposição do rio.

O trecho “tomados por todo tipo de esgoto” (linhas 13 e 14), referindo-se aos rios brasileiros, aproxima-se de “a água está contaminada e os peixes acabando” (linha 18), referindo-se especificamente ao São Francisco.

A passagem

“Ninguém consciente pode se opor a que se dê água a quem tem sede, a que se divida por todos o que é patrimônio de todos” (linha 26)

sinaliza, a princípio, posicionamento favorável à transposição. Nesse trecho a expressão “que se dê água a quem tem sede” estabelece conexão com o discurso religioso cristão. O compromisso com o bem comum e com a justiça social está expresso também no trecho “que se divida com todos o que é patrimônio de todos” (linhas 26 e 27). Entretanto, nos períodos seguintes

“Nem vou discutir aqui os estudos que indicam que não falta o líquido naquela região, haveria ausência de gestão. Pelo amor de Deus: cuidem primeiro das águas do Chico e do povo que sobrevive em suas margens” (linhas 29 e 30).

o discurso marca sua posição favorável à solidariedade, à justiça e ao bem comum, mais do que com a questão de efetuar ou não a transposição do rio.

A expressão “ausência de gestão” (linha 28), referindo-se à falta de água no nordeste brasileiro, retoma implícita, subentendida, idéia já expressa na passagem “desprezados” (linha 13): descompromisso por parte das autoridades.

No último parágrafo, o discurso de Fernando Brant estabelece mais vínculos com o discurso religioso. A expressão “pelo amor de Deus” (linha 29), de uso freqüente na linguagem oral, coloquial, é cristalização de uma forma enfática de solicitar ajuda, cooperação divina. No trecho “hora de rezarmos todos a oração de São Francisco” (linha 30) a escolha lexical “rezarmos” designa um verbo característico dos rituais religiosos. E o subtítulo “a oração [de São Francisco]” apresenta implícitos, subentendidos, os pedidos e intenções que constituem a oração e que expressam atitudes características do compromisso com o bem comum, pregado por São Francisco, de acordo com a história de vida dessa personagem do discurso católico.

2.12 – Crônica 12 – “Haja paciência”

A crônica apresenta os percursos semânticos do espírito público (sublinhado) e da memória (negrito).

Haja paciência (*Estado de Minas*, 2 de fevereiro de 2005)

Só existe alguém mais cínico e cara-de-pau do que o chefe da Receita Federal: o seu sucessor. Todo ministro da Fazenda é, no fundo, um assassino em potencial. Os economistas que trabalham para os governos não têm nenhum apego à lógica e à matemática. Ficamos livres da ditadura dos militares, há 20 anos, mas amargamos até hoje a prepotência e o autoritarismo dos burocratas engravatados. E, tristes, vemos o País e seu povo serem levados a um rumo sem futuro nem esperança.

Esses os pensamentos que me ocorrem, enquanto os jornais e canais de televisão nos entopem de notícias sobre bolsas e negócios, baixa política e negócios. Mudo de canal, desligo a televisão, pulo as páginas especializadas dos jornais. Que adianta, se eu não vejo mas eles continuam agindo, com ares de doutores, de sábios? Estamos no melhor dos mundos e tudo vai pelo melhor, diria o Cândido de Voltaire. Mas aqui não se trata de ficção. É a realidade que bate em nossa porta, anunciando as mortes nas estradas, as mortes nas aldeias, as mortes nas cidades.

Pagamos R\$ 0,56 por cada litro de gasolina que compramos, para que as rodovias sejam mantidas impecáveis. Para onde vai o dinheiro, se as pontes estão caindo e os buracos se multiplicando? Para onde vão os impostos e taxas que nos cobram a cada janeiro (e que impedem que nós, pais de estudantes, que só podemos viajar nessa época, tenhamos um pouco de férias e paz)?

Cada cadáver fabricado pelas estradas deve ser debitado na conta dos administradores que desviam recursos para pagar juros e fazer esse jogo de faz-de-conta, em que uma população trabalha, é extorquida em seus rendimentos e não tem perspectiva de receber nada de volta.

Há mais de 20 anos os nossos governantes têm se desdobrado na tarefa de destruir a classe média brasileira. Eu conheço os passos dessa estrada, pois faço, eu mesmo, minhas declarações de Imposto de Renda. Ano após ano, tudo o que foi possível tomar dos contribuintes foi tomado. A cada 12 meses o parafuso do arrocho foi sendo apertado.

E todos sabemos que sem consumidores nenhum país avança. A força econômica da nação são suas classes médias. Mas os nossos “econogênios” não pensam assim. Em vez de criar possibilidades para que os mais pobres ascendam à condição de consumidores, em vez de engrossar a massa de cidadãos com dinheiro no bolso para comprar e movimentar a economia, eles se dedicam com avidez à extinção da chamada pequena burguesia.

O que chamam de política econômica, e que nos atormenta há tanto tempo, não resiste ao mais simples raciocínio aritmético. Com esse pessoal, o Brasil vai continuar girando em círculo. Não sai do lugar.

E os brasileiros seguirão a amarga sina de trabalhar, esperando a esperança que não virá. E morrendo ingloriamente. Até que um dia, talvez, quem sabe?

No percurso semântico do espírito público, no início da crônica, aparecem duas personagens: “chefe da Receita Federal” (linha 1) e “ministro da Fazenda” (linha 2). O emprego dos nomes adjetivos e substantivos “cínico”, “cara de pau” (linha 1) e “assassino” (linha 2), referindo-se aos chefes da Receita Federal e aos ministros da Fazenda, respectivamente, confere a eles características negativas.

No desenvolvimento da crônica, algumas referências a personagens ocupantes do cargo de Ministro da Fazenda são impregnadas semanticamente por um sentido irônico que cria efeito de zombaria: “burocratas engravatados” (linha 4), “econogênios” (linha 24); “ares de doutores, de sábios” (linha 8).

Nesse mesmo percurso semântico, um grupo de personagens aparece mobilizado, em relação antagônica às citadas acima: “população” (linha 17), “classe média brasileira” (linhas 19 e 20) e “contribuintes” (linha 21).

Ainda no percurso semântico do espírito público, a afirmativa “todo ministro da Fazenda é, no fundo, um assassino em potencial” (linhas 1 e 2) é retomada no quarto parágrafo com a passagem “cada cadáver fabricado pelas estradas deve ser debitado na conta dos administradores que desviam recursos para pagar juros” (linhas 16 e 17).

O posicionamento discursivo sobre como economistas administram nossa economia é expresso nas passagens “os economistas que trabalham para os governos não têm nenhum apego à lógica e à matemática” (linhas 2 e 3), “o que [economistas] chamam de política econômica, e que nos atormenta há tanto tempo, não resiste ao mais simples raciocínio aritmético” (linhas 27 e 28) e “jogo de faz-de-conta” (linha 17).

O enunciador-personagem registra ações praticadas pelas autoridades contra os cidadãos com passagens como “uma população trabalha e é extorquida” (linha 17), “tudo que foi possível tomar dos contribuintes foi tomado” (linha 21), “o parafuso do arrocho foi sendo apertado” (linhas 21 e 22), entre outras. E protesta formulando perguntas sobre o destino do dinheiro arrecadado com impostos, entre elas “para onde vão os impostos e taxas que nos cobram a cada janeiro?” (linhas 13 e 14)

Na passagem

“Em vez de criar possibilidades para que os mais pobres ascendam à condição de consumidores, em vez de engrossar a massa de cidadãos com dinheiro no bolso para comprar e movimentar a economia (linhas 24 e 25)”

há duas personagens. A personagem explícita “os mais pobres” pressupõe que estes sejam “não-consumidores”, em oposição à personagem “consumidores”.

A passagem abaixo, que também se situa no percurso semântico do espírito público,

“Mudo de canal, desligo a televisão, pulo as páginas especializadas dos jornais. Que adianta, se eu não vejo mas eles continuam agindo, com ares de doutores, de sábios?” (linhas 7 e 8)

apresenta mobilizada, individualmente, a personagem do enunciador, com o emprego de verbos e pronomes na primeira pessoa. Vejamos: “mudo”, “desligo”, “pulo” (linha 7) e “eu não vejo” (linha 8).

Em alguns trechos o enunciador se inscreve como parte de personagem coletiva, juntando-se aos que sofrem os efeitos das ações políticas econômicas. Para isso, recorre às escolhas lexicais “vemos” (linha 4), “compramos” (linha 12), “nós” (linha 14), “nossos governantes” (linha 19), entre outras. A partir de escolhas lexicais como “amargamos” (linha 3), “tristes” (linha 4), “o que nos atormenta” (linha 27), “amarga sina de trabalhar” (linha 29) e “morrendo ingloriamente” (linha 29), o enunciador-personagem explicita o estado de espírito da personagem coletiva na qual se inclui.

Os trechos a seguir apresentam, simultaneamente, os percursos semânticos do espírito público e da memória. Um trecho é

“Há mais de 20 anos os nossos governantes têm se desdobrado na tarefa de destruir a classe média brasileira. Eu conheço os passos dessa estrada, pois faço, eu mesmo, minhas declarações de Imposto de Renda. Ano após ano, tudo o que foi possível tomar dos contribuintes foi tomado. A cada 12 meses o parafuso do arrocho foi sendo apertado” (linhas 19 a 22).

Nesse trecho, as passagens “os nossos governantes têm se desdobrado na tarefa de destruir”, “tudo o que foi possível tomar (...) foi tomado” e “o parafuso do arrocho foi sendo apertado” reforçam o ponto de vista do enunciador sobre a personagem coletiva “governantes”, responsável por nossa política econômica.

O subtrecho “eu conheço os passos dessa estrada, pois faço, eu mesmo, minhas declarações de Imposto de Renda” (linha 20) apresenta novamente o enunciador como personagem individual marcada por pronomes e verbos na primeira pessoa do singular. A repetição do pronome “eu” e o emprego do possessivo “minhas” funcionam como estratégia discursiva, conferindo autoridade ao discurso, ao afirmar o conhecimento do enunciador sobre o tema abordado.

No final da crônica, o discurso de Fernando Brant apresenta implícita, subentendida, expectativa de mudança no modelo de política econômica que vem sendo adotado. Essa expectativa está implícita no explícito “até que um dia, talvez, quem sabe?” (linha 30).

CAPÍTULO 3 – CONCLUSÕES

Para melhor subsidiar nossas conclusões, apresentamos a seguir alguns trechos de outras crônicas, nas quais identificamos os mesmos percursos semânticos presentes nas analisadas no capítulo 2.

O fragmento a seguir, retirado da crônica “A palavra educar” (em anexo: p.84), publicada no *Estado de Minas* de 16/2/2005, apresenta o percurso semântico da cultura, com o traço distintivo subjacente /conhecimento/, que se opõe, no nível interdiscursivo, a /ignorância/, traço distintivo subjacente a discursos que não valorizam a cultura.

“Se todos os meninos e meninas de hoje, os brasileiros de todos os cantos, tiverem acesso a uma educação decente, ampla e de qualidade, o sonho de se construir um Brasil mais justo ainda poderá ser sonhado” (linhas 30 a 32).

O exemplo seguinte foi recortado da crônica “Os três irmãos” (em anexo: p.86), publicada no jornal *Estado de Minas* de 22/06/2005.

“Cada um, à sua maneira, foi um mineiro e brasileiro de respeito. O mais velho influenciou uma geração de estudantes: com sua inteligência e visão privilegiada do mundo semeou idéias políticas de liberdade e justiça social. No meio da ação, foi atropelado, ele e o Brasil, pelo golpe militar de 1964 (linhas 1 a 4).(...) Quando voltou, iluminou de clareza o debate nacional. Discutiu assuntos que ainda não haviam chegado até nós. Seu chamamento pela solidariedade e contra a fome mobilizou a nação inteira. E, a partir de seu depoimento, iniciou-se o controle dos bancos de sangue (linhas 9 a 11).(...)

O segundo, o Henriquinho para seus contemporâneos de infância e juventude, logo se destacou pelo humor ferino e pelo traço demolidor. Desde a época da imprensa mineira, passando pelas charges esportivas, até atingir a maturidade com o *Pasquim*, Henfil e os tipos geniais que criou entraram na vida de todos nós que vivemos os tempos sombrios do regime militar. Mas sua arte, e sua defesa intransigente de suas idéias sobre o que deveria e o que ser o País, passaram muito além dos tempos de resistência e são um farol para os que continuam na travessia da história brasileira” (linhas 14 a 20).

O trecho acima apresenta tanto o percurso semântico da liberdade quanto o da memória. O traço distintivo subjacente ao percurso semântico da liberdade, /autonomia/, no interdiscurso opõe-se ao traço distintivo /submissão/. O antagonismo entre esses traços distintivos está

relacionado com a oposição interdiscursiva entre o discurso do enunciador, favorável à democracia, e os discursos contrários a ela.

Já no percurso semântico da memória, o traço distintivo subjacente /permanência/ opõe-se, no nível interdiscursivo a /apagamento/, traço distintivo subjacente aos discursos descomprometidos com a preservação da memória.

O trecho abaixo, parte do percurso semântico da liberdade na crônica “O rosto do humano” (*Clube dos gambás*, p. 198 - 200; em anexo: p.79) reconhece a importância da democracia nas relações sociais e marca o posicionamento desfavorável à ditadura:

“E a democracia é condição essencial e primeira para que se tenha vida social decente. Não consigo entender os saudosos da ditadura e alerto os que não a conheceram para que a desprezem sempre” (linhas 1 a 3).

Da crônica “Deus por um minuto” (*Clube dos gambás*, p.144 – 146; em anexo: p.80), recortamos outro trecho, parte do percurso semântico da liberdade, que enfatiza o posicionamento do enunciador:

“Eu queria ser Deus, por um, minuto que fosse, para que não existissem impérios, imperadores ou imperialistas. Para que os ditadores fossem banidos definitivamente da história da humanidade” (linhas 12 a 14)

No conjunto de crônicas analisadas, tanto naquelas que compõem o capítulo 2 quanto em várias outras, o percurso semântico do espírito público é o que apresenta mais temas. Identificamos, a seguir, alguns temas presentes com certa frequência nesse percurso semântico, que apresenta como traço discursivo subjacente /responsabilidade coletiva/. Um deles é a importância da política na vida das pessoas. Isso pode ser observado em trechos da crônica “Nossa cidade” (*Clube dos gambás*, p. 246 – 248; em anexo: p.82).

“Nada está perdido. A boa política é fazer política. A cidade, a *polis*, exige que nós, os cidadãos, façamos o que deve ser feito: assumir a responsabilidade pelo destino do lugar em que vivemos. De nossa casa e de nossa família, de nossa rua, de nosso bairro, de nosso país, de nosso mundo. Tudo que fizermos será em nosso proveito. Ainda está em tempo de construirmos uma cidade que seja tão boa quanto a da nossa infância” (linhas 31 a 35).

Outro tema delinea-se como protesto: imposto de renda, como pode ser exemplificado na crônica “As mordidas do leão” (*Estado de Minas*, 08/03/06; em anexo: p.85).

“Parece ser verdadeira a crença de que nos acostumamos com tudo, por pior que seja. Já não se teme nem se vitupera com a intensidade de antes as maldades do leão da Receita Federal. [...] Como vivíamos numa ditadura, a psicologia em vigor era a de intimidar, ameaçar. Com a democracia, os espertos arrecadadores de impostos ficaram mais sutis, [...] e, suavemente, continuaram em sua sanha de atacar nossos bolsos indefesos” (linhas 1 a 9).

Mas o principal tema recorrente no percurso semântico do espírito público é o compromisso com a solidariedade, com a justiça social e com o bem comum. O trecho abaixo foi transcrito da crônica “Perdão” (*Estado de Minas*, 27/04/2005; em anexo: p.87).

“Voltando aos pedidos de perdão, o nosso Lula chorou no Senegal, diante do porto de embarque de escravos africanos. Quem de nós também não choraria? Gil cantou uma belíssima canção feita em parceria com o poeta Capinan e, manuseando grilhões, lançou ao mundo sua dolorida expressão de homem sensível.

Nosso presidente pediu perdão por nós. E dois dias mais tarde, o ministro da Justiça em outra cerimônia, aqui no Brasil, se desculpou, em nosso nome, perante os povos indígenas. Passado o calor das emoções, eu me pergunto sobre a validade dessas declarações.

Elas são bonitas, volto a admitir. Mas bastam? E para que servem? E são justas? O negócio do tráfico de escravos, desvendado pela história, é muito mais complexo do que a visão que nos foi vendida por muito tempo, nos manuais escolares. E os índios brasileiros precisam de mais ação governamental e da sociedade, para que tenham uma vida melhor e suas crianças não continuem a morrer de fome e de doenças da miséria.

É simpático pedir perdão pelo passado. Mas é mais importante não esquecer o que deve ser feito hoje, para que haja justiça, igualdade e fraternidade entre todos nós” (linhas 21 a 34).

Outro tema identificado é a crença na convivência. Transcrevemos da crônica “Paz na Terra”, (*Clube dos gambás*, p. 82 – 84; em anexo: p.81) uma passagem que explicita essa crença:

“Nas relações da sociedade, minha estatística pessoal confirma que existe muito mais gente interessada em viver pacificamente com seus semelhantes do que bárbaros, trogloditas, violentos e egoístas” (linhas 22 a 24).

Os traços distintivos subjacentes aos quatro percursos semânticos identificados nas crônicas de Fernando Brant estão ligados à oposição que manifesta o antagonismo discursivo. Assim os traços distintivos /responsabilidade coletiva/, /permanência/, /conhecimento/ e /autonomia/ opõem-se, no nível interdiscursivo, respectivamente a /descomprometimento/, /apagamento/, /ignorância/ e /submissão/, traços distintivos subjacentes a percurso semânticos de discursos antagônicos ao de Fernando Brant.

Conforme expusemos anteriormente, a análise realizada sobre as crônicas de Fernando Brant visa, prioritariamente, a identificar o ponto de vista que surge em seu discurso. E a análise nos permite estabelecer o ponto de vista político enunciado nas crônicas, favorável à prática do espírito público, da liberdade, da cultura, da preservação da memória, e oposto aos discursos que se omitem ou se posicionam contrariamente a esses aspectos.

BIBLIOGRAFIA

1) BIBLIOGRAFIA TEÓRICA

BAKHTIN, M./ V.N. VOLOCHINOV. [1929-1930] *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. LAHUD, Michel; VIEIRA, Yara F. 11ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. São Paulo: Ática, 1999.

_____ *O texto argumentativo*. São Paulo: Scipione, 2004.

DUCROT, Oswald [1984]. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

FAIRCLOUGH, Norman [1992]. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FARIA, Antônio Augusto Moreira de. Discurso e leitura, semântica e argumentação em *Germinal*. IN: MACHADO, Ida Lúcia; CRUZ, Amadeu R.; DIAS, Dylia Lisardo (Org). *Teorias e Práticas Discursivas*. Belo Horizonte: NAD (Núcleo de Análise do Discurso), FALE/UFMG, 1998.

_____ *Sobre Germinal: interdiscurso, intradiscurso e leitura*. São Paulo: USP [Tese de Doutorado em Linguística], 1999.

_____ *Interdiscurso, intradiscurso e leitura: o caso de Germinal*. IN; MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: NAD, FALE /UFMG, 2001.

FERREIRA, A.B. de Hollanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIORIN, José Luiz [1989]. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____ *Linguagem e ideologia* [1988]. São Paulo: Ática, 2003.

FIORIN, José Luís & PLATÃO, Francisco Savioli. *Lições de texto* [1996]. São Paulo: Ática, 2003.

_____ *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1990.

GREIMAS, A.J. & COURTÉS, J. [1979] *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, s.d.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KUBO, Aurélio Takao Vieira. *Aspectos do discurso jornalístico sobre a luta pela terra*. Belo Horizonte, UFMG [Dissertação de Mestrado em Linguística], 2003.

MAINGUENEAU, Dominique [1996]. *Termos-chave da análise do discurso* (ed. or. 1996). Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

_____ *Novas tendências em análise do discurso* [1987]. Campinas: Pontes, 1997.

_____ *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.

2) CRÔNICAS DE FERNANDO BRANT

BRANT, F. *Clube dos Gambás*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____ “O Brasil visto do Planalto”. In jornal *Estado de Minas*, caderno Cultura, p. 10. Belo Horizonte. 06/10/04.

_____ “Perdão”. In jornal *Estado de Minas*, caderno de Cultura, p. 10. Belo Horizonte. 27/04/05.

_____ “Os três irmãos”. In jornal *Estado de Minas* caderno de Cultura, p. 10. Belo Horizonte. 22/06/05.

_____ “A palavra educar”. In jornal *Estado de Minas*, caderno de Cultura, p. 10. Belo Horizonte. 14/09/05.

_____ “As mordidas do leão”. In jornal *Estado de Minas*, caderno de Cultura, p. 10. Belo Horizonte. 08/03/06.

ANEXO

O ROSTO DO HUMANO

Todo terrorismo é covarde, abominável. E a democracia é condição essencial e primeira para que se tenha vida social decente. Não consigo entender os saudosos da ditadura e alerto os que não a conheceram para que a desprezem sempre. Penso que viver em sociedade exige de nós o desenvolvimento constante da tolerância, do autocontrole, da paciência. Todos nós

5 estamos sujeitos a momentos de irritação, expostos à correria e ao tumulto desenfreado da vida moderna. Os grandes aglomerados, a multidão convida ao destempero. Cada vez que levanto a voz ou me excedo com alguém, o espírito crítico me condena ao remorso e ao arrependimento. Essa postura se adquire com o tempo, o viver é que nos ensina. Ao adolescente rebelde não cabe compreender as transformações pelas quais passa, mas sim a nós, que já conhecemos os

10 passos dessa estrada. Quem tem cultura, estuda, lê e reflete uma visão muito mais serena de qualquer acontecimento do que quem só tem tempo para o esforço físico de todos os dias. Não que a compreensão seja privilégio de letrados, pelo contrário. As maiores atrocidades, muitas vezes, vêm das altas castas. Mas quem tem espaço e tempo para cultivar a reflexão tem o dever de enxergar com clareza e não cair na tentação das palavras de ordem. Mais que a cara da

15 América do Norte, Nova York tem a cara do mundo. E o mundo fica pior quando uma cidade democrática, que recebe e acolhe pessoas de todas as partes, todas as cores, todas as raças, todos os credos, é atacada de maneira tão sórdida. Todo terrorismo é uma violência contra a civilização, contra a humanidade. Mas a reação contra o terrorismo não pode ser a intolerância. O veneno do terror erguerá outras taças toda vez que, em nome da vingança e do ódio, qual-

20 quer pessoa for discriminada por cor, raça ou crença. Por ser parecido com a imagem que o governo americano divulga dos prováveis terroristas. A solidariedade que sinceramente o mundo dedica às vítimas de 11 de setembro tem a abraçar, igualmente, todos aqueles que são cruelmente perseguidos por racistas imbecis. Parecia cinema a imagem das torres atacadas. Parecia coisa de Hollywood, mas era real e os mortos ainda não foram contados. E eu recorro

25 ao cinema para iluminar um rosto que, ao longo dos anos, se instalou nas telas do nosso tempo e alimentou a visão que eu tenho do ser humano. Um rosto comum, como é comum a maioria dos homens e mulheres em todos os países. Um rosto capaz de representar todas as raças, todos os povos, todas as culturas deste nosso vasto, belo e injusto planeta. A cara era sempre a

mesma, e ele foi americano e grego, mexicano e esquimó, italiano e árabe. O ator Anthony
30 Quinn, sem precisar dos truques de maquiagem, representou, com sua face igual à de qualquer
um de nós habitantes da Terra, a síntese de nossa humanidade. Se um rosto pode nos sintetizar
é porque temos mais afinidades do que as aparências indicam. Perseguir um semelhante é ser
inimigo de nós mesmos. A humanidade é uma família, ta na cara. Precisamos espalhar essa
novidade.

(In *Clube dos Gambás*, p.198-200)

DEUS POR UM MINUTO

Eu queria ser Deus por uma hora, eu queria ser Deus por um minuto. Não para desfru-
tar nenhum poder, para obter qualquer regalia que fosse. Não para acumular fortuna ou praze-
res. Eu queria mudar um pouco o mundo. Só isso. Nessa hora ou nesse minuto eu sobrevoaria
os países, os mares e os rios, e trataria de consertar certas coisas que não são naturais, são hu-
5 manas. Pois a natureza, essa são belezas líquidas e pétreas e vegetais e animais que só um
Deus permanente poderia imaginar, criar e executar.

O que me incomoda é o homem (e quando falo homem, estou também falando mulher),
esse sujeitinho metido a besta que pensa que, porque pensa, é o senhor do pedaço e pode tudo.
Ignorante e audaz, é capaz das maiores monstruosidades, de grandes crimes e irresponsabili-
10 dade imensurável. E olha que muitos deles, de nós, são de uma grandeza infinita. Mas estes
últimos são os que podem menos mesmo sabendo mais.

Eu queria ser Deus, por um minuto que fosse, para que não existissem impérios, impe-
radores ou imperialistas. Para que os ditadores fossem banidos definitivamente da história da
humanidade. Para que a ganância e a maldade fossem extirpadas de nosso convívio. Não quero
15 citar, porque não merecem, os nomes dos poderosos que eu destruiria em meu minuto divino
de amor. Mas a guerra, essa invenção dos ricos para eliminar os pobres, esse semear de sangue
e fome que transforma nossos semelhantes em esqueletos que respiram -, a guerra também não
resistiria ao meu minuto. Minha hora ou meu minuto de Deus bastariam para borrifar nos nari-
zes da raça humana a compreensão de que ninguém é melhor do que ninguém. Dinheiro, sexo,
20 cor, religião, posição social: nada existe que faça com que um se considere mais humano do
que outro. Ninguém é superior.

Limpo o mundo das pessoas e circunstâncias que fazem dele um lugar injusto e menos belo, o espaço estará aberto para que, findo o meu pequeno divinato (essa palavra que devo estar inventando agora quer significar o período no qual eu terei sido Deus), os homens, as
25 mulheres e as crianças possam criar, não um paraíso, mas um ambiente para promover as melhores qualidades humanas.

Feito isso, cansado do incessante labutar meu nessa hora ou minuto em que pude transformar o mundo, descansarei feliz e poderei contemplar, com alegria, o amor, o trabalho e a vida dos que foram criados à minha (Dele) semelhança. Sou humano, sete dias seria muito
30 para mim (imagine a eternidade). Um minuto ou segundo na condição de Deus me basta. O resto do tempo eu, brasileiro, reservo para a rede, o sol, a amizade, a casa, a família. E para as palavras que, ao longo do tempo, vou colocando em músicas divinas, pois humanas. Merecemos o desejo da felicidade coletiva.

Eu queria ser Deus por uma hora ou minuto. Se não eu, pelo menos alguém, que tenha
35 sentimento semelhante.

(In *Clube dos Gambás*, p.144-146)

PAZ NA TERRA

Fala-se em paz porque existe guerra. Clama-se pela concórdia por existir a discórdia. É comum ouvir discursos sobre a índole violenta da humanidade. O mal seria inevitável, intrínseco à nossa condição de habitantes deste planeta que julgávamos enorme e importante e, cada vez mais, a ciência nos revela ser minúsculo e insignificante diante do universo. Os senhores
5 da guerra se consideram senhores do universo. Os senhores da guerra se consideram senhores do mundo, da vida de cada um de nós. E não passam de ignorantes com poder. O que distingue um Bush de um homem rude e mal informado, habitante de nossos interiores, que maltrata a terra, as matas e os animais com sua ação predadora? O que os diferencia é a força do império econômico e de armas que foi entregue ao texano pelos votos de milhões de americanos e
10 pela malandragem da justiça dos Estados Unidos. Sem esse poder, o George estaria caminhando por suas terras fazendo apenas o mal localizado. E nenhum de nós estaria preocupado com ele.

A paz é calma, calma, tranqüilidade, benevolência, benquerença e muitos sinônimos mais. Mas é também, está lá nos dicionários, domínio e poder. Nesse sentido e que houve a *pax romana* e agora ‘se quer instalar a *pax americana*. A paz que existiria num mundo sob tal condição, e essa é a que nos querem oferecer, é a paz de dominados, de rendidos às vontades de nosso dono. É isso o que nós queremos? E a imprensa e os políticos explicam para as pessoas o que isso significa?

Não adianta lamentar, quem reclama já perdeu. Se só há paz por existir a guerra, ajamos dia a dia para que a primeira prepondere. Seja nas relações familiares e pessoais, seja no trato com os vizinhos de rua e cidade. Quem tem voz pública que a utilize.

Quem tem voz pouca que a amplifique. Nas relações da sociedade, minha estatística pessoal confirma que existe muito mais gente interessada em viver pacificamente e de acordo com os seus semelhantes do que bárbaros, trogloditas, violentos e egoístas. Não sei a quem interessa a difusão do conceito de maldade intrínseca do ser humano. Eu não consigo comprová-lo, mesmo quando as telas dos jornais estampam atrocidades inomináveis e difíceis de acreditar e engolir. Mesmo quando os rostos e as ações de monstros se perenizam nas primeiras páginas. Esses são a minoria.

No começo, as vozes são poucas. Parecem murmúrios. É sempre assim. Mas, quando a causa é justa e boa, logo o som se avoluma, as praças se enchem de pessoas iluminadas e o que era encontro vira multidão, o que era fio d’água agora é mar. O sentimento que existe em cada um de nós começa a tomar conta do mundo. Os homens, as mulheres e as crianças de todos os países cantam de mãos dadas e exigem, com urgência, um definitivo tratado de paz.

(In *Clube dos Gambás*, p.82-84)

NOSSA CIDADE

Que cidade é esta que nós estamos construindo, que vida iremos viver aqui? Essas indagações invadem meu pensamento ao assistir ao cotidiano de violência, incivilidade e egoísmo que não habitam mais apenas as páginas dos jornais e as telas da tevê. Estão aqui na rua, ali na esquina, e convivem com os beijos dos namorados e as mãos dadas dos idosos. Assim como o café da manhã, o pão quente com manteiga, os sinos das escolas e das igrejas, o céu azul de nosso inverno – ao lado de tanta coisa encantadora que nossa terrinha sempre nos doou

– aceitamos que nossos dias sejam também contaminados por situações, atitudes e ações que desmerecem a humanidade.

10 Eu gosto de Belo Horizonte e sempre convivi bem com suas mudanças porque eu cresci e mudei com ela. Com nove anos, quando aqui cheguei, suas ruas eram calçadas e povoadas de bondes, e as águas das chuvas penetravam pelas frestas dos paralelepípedos. Os loucos que pulavam os atos muros do Hospital Santa Clara não incomodavam os meninos que subiam e desciam ladeiras correndo atrás de bola. Os quintais das casas se multiplicavam em árvores frutíferas e as frutas tinham sabor especial quando proibidas, quando sujeitas ao perigo dos
15 tiros de sal dos vizinhos mais nervosos. Pois sempre existiu gente incapaz de conviver com crianças. Desde que o mundo é mundo existe a incompreensão e a incapacidade de muitos de repartir os espaços e oportunidades com os semelhantes.

Me lembro de subir todos os morros da região da Serra, Cruzeiro e o que é hoje as Mangabeiras e todos, pobres e remediados, éramos irmãos nas brincadeiras, o que nos desunia
20 era o desejo de vitória nos campos de terra. Não havia essa separação de hoje, esse ódio nos olhos de hoje. Todos éramos mais pobres, a cidade e as pessoas. O aumento da riqueza traz a infelicidade? Claro que não. A riqueza que se constrói com todos e se distribui com justiça é o verdadeiro carnaval.

Qual a razão de nós chegarmos à cidade de hoje, esse conjunto de casas e pessoas que
25 se temem, esse fechar-se em grades em que nos transformamos? Nada aconteceu de repente, não foi num abrir e fechar de olhos que o nosso mundo se transformou. Não enxergamos com boa lente o lento desenrolar dos acontecimentos. Fomos permitindo que a teia da desigualdade, o novelo da violência e o barril do individualismo fossem crescendo. Não percebemos que tudo que é humano é de nossa conta e que a desgraça dos vizinhos anuncia que a nossa será a
30 próxima.

Nada está perdido. A boa política é fazer política. A cidade a *polis* exige que nós, os cidadãos, façamos o que deve ser feito: assumir a responsabilidade pelo destino do lugar em que vivemos. De nossa casa e de nossa família, de nossa rua, de nosso bairro, de nosso país, de
35 nosso mundo. Tudo que fizermos será em nosso proveito. Ainda está em tempo de construirmos uma cidade que seja tão boa quanto a da nossa infância.

(In *Clube dos Gambás*, p.246-248)

A PALAVRA EDUCAR

Criar, nutrir, amamentar, cuidar, instruir, ensinar; dar a alguém todos os cuidados necessários ao pleno desenvolvimento de sua personalidade. Educação é tema de discursos eleitorais, sempre. Mas a realidade é que poucas vezes a fala é acompanhada do gesto firme e constante, da ação consistente.

5 Vejo na televisão um documentário sobre um dos maiores educadores que o Brasil já teve, Anísio Teixeira, mestre de todos os entusiasmados pelo tema. Nos idos de 1920 nele já sentenciava que nenhum país se desenvolve sem que seu povo seja educado. Passou ele toda a sua vida praticando suas idéias, construindo escolas, preparando professores, ensinando.

10 Duas ditaduras, a de Vargas e a dos militares, barraram seu caminho, violentaram seu trabalho. Mas toda vez que a liberdade retornava ao nosso convívio, ele era lembrado e chamado para reiniciar sua missão. A última das ditaduras, ao que parece, não se contentou em tolher sua atividade. Ele foi morto misteriosamente. O saber, que ilumina os homens e os torna livres, apavora os opressores de todos os tempos e lugares.

15 Sem educação nenhum país vai para a frente, está mais do que provado. A ignorância é um peso que impede qualquer nação de se mover. Ao contrário, as terras em que o aprendizado da população é considerado primordial e imprescindível correm leves no trilho do desenvolvimento. Os países asiáticos, a Irlanda e a Espanha são exemplos que comprovam essa observação.

20 Enquanto isso, nossos governos constroem escolas mas não criam condições para que o ensinar se realize em sua plenitude. Paga-se mal os professores. E esses, não todos mas uma grande quantidade deles, estão mais preocupados com questões sindicais e com greves anuais, infundáveis. Defende-se o ensino gratuito para todos na universidade pública, sem sequer se aceitar discutir a possibilidade de se cobrar de quem pode pagar e abrir mais vagas para quem não tem condições de fazê-lo. E compreender que o ensino básico deve ter a primazia.

25 Enquanto isso, o presidente não lê e não gosta de ler. Compara a leitura ao esforço que se faz em uma esteira rolante. E os ministros da área já foram três, não há continuidade e se mistura política partidária com projeto de nação.

30 Não adianta discutir siglas e eleições, se ao fim do processo estaremos diante do mesmo descaso para o que é essencial. Família em que os filhos estudam é certeza de que todos terão oportunidades de trabalho e de vida digna. Se todos os meninos e meninas de hoje, os

brasileiros de todos os cantos, tiverem acesso a uma educação decente, ampla e de qualidade, o sonho de se construir um Brasil mais justo ainda poderá ser sonhado.

Sem aplacar a fome de conhecimento, sem cultura e sem educação, nem os nossos netos terão o país que dizemos merecer.

(In jornal *Estado de Minas*, Caderno “Cultura”, p.10. Belo Horizonte. 14/09/05.)

AS MORDIDAS DO LEÃO

Parece ser verdadeira a crença de que nos acostumamos com tudo, por pior que seja. Já não se teme nem se vitupera com a intensidade de antes as maldades do leão da Receita Federal. Houve um tempo em que a fera era figurinha fácil nos anúncios de televisão, jornais e revistas. Aparecia nessa época do ano para lembrar aos contribuintes que qualquer rebeldia seria punida de forma exemplar. Como vivíamos numa ditadura, a psicologia em vigor era a de intimidar, ameaçar. Com a democracia, os espertos arrecadadores de impostos ficaram mais sutis, esconderam o felídeo e, suavemente, continuaram em sua sanha de atacar nossos bolsos indefesos.

Devo ser um dos raros brasileiros que, apesar de ligado às palavras e à música, sempre guardei um pedaço de meu tempo para entender as coisas da vida prática, do cotidiano civil. Guardo na memória os ensinamentos matemáticos do padre Mamão e do professor Vieira, que me servem até hoje. Por essa razão, desde cedo me preocupei em fazer, eu mesmo, a minha declaração anual de rendimentos. Fazia as contas no papel e depois ia conferir na máquina de calcular. Sempre estava certo.

Assim procedendo, pude constatar o lento e constante caminhar dos governos sobre o nosso salário. A cada ano, diminuía-se as possibilidades de descontos e aumentava-se a mordida. Faço parte daqueles que, além de não pretenderem sonegar, recebem tudo devidamente podado na fonte pagadora. Não há como escapar. Como não conheço nem quero conhecer as manobras contábeis que dizem existir, pago o meu e não bufo. A simples possibilidade de ter de percorrer os corredores burocráticos das repartições fiscais para me explicar me causa arrepios. Cumpro a minha parte e não brechas para ser incomodado.

Nos dias de hoje, em que a tecnologia veio simplificar a vida de todos, o ato de declarar os rendimentos anuais já não traz muita dificuldade. Como eram mal-escritos, obscuros e

ininteligíveis os antigos formulários do Imposto de Renda. Era uma aventura e um gasto enorme de tempo a tarefa de decifrá-los. Depois de recolher os papéis necessários, eu reservava um dia inteiro para a missão inglória. Era o pior dia do ano para mim. Eu ficava irascível, sem paciência. E me isolava, para que a família não sofresse os reflexos de meu mal-estar. Quando terminava a batalha e, depois de enfrentar alguma fila de banco, entregava o papelório, era um alívio.

Teria pela frente 364 dias sem essa angústia. O recibo era cuidadosamente guardado e, aí sim, eu ia cuidar de questões interessantes, como sorver prazerosamente as cervejas geladas que me esperavam, nevadas, no congelador. Silenciosamente pensando: “Sossega, leão”.

(In jornal *Estado de Minas*, Caderno “Cultura”, p.10. Belo Horizonte. 08/03/06.)

OS TRÊS IRMÃOS

Cada um, à sua maneira, foi um mineiro e brasileiro de respeito. O mais velho influenciou uma geração de estudantes: com sua inteligência e visão privilegiada do mundo semeou idéias políticas de liberdade e justiça social. No meio da ação, foi atropelado, ele e o Brasil, pelo golpe militar de 1964.

Foi para o exílio e lá deve ter passado poucas e boas, portador que era de hemofilia. Para a minha geração, ele começou a aparecer nos tempos da luta pela anistia. Personagem de uma canção de João Bosco e Aldir Blanc, interpretada pela voz inesquecível de Elis Regina. Todos nós passamos a pedir pela volta do irmão do Henfil.

Quando voltou, iluminou de clareza o debate nacional. Discutiu assuntos que ainda não haviam chegado até nós. Seu chamamento pela solidariedade e contra a fome mobilizou a nação inteira. E, a partir de seu depoimento, iniciou-se o controle dos bancos de sangue. Lembro-me que, ao ler seus textos nos jornais, sentia que poderia assiná-los. Pena que, pessoalmente, o conheci muito pouco.

O segundo, o Henriquinho para seus contemporâneos de infância e juventude, logo se destacou pelo humor ferino e pelo traço demolidor. Desde a época da imprensa mineira, passando pelas charges esportivas, até atingir a maturidade com o *Pasquim*, Henfil e os tipos geniais que criou entraram na vida de todos nós que vivemos os tempos sombrios do regime militar. Mas sua arte, e sua defesa intransigente de suas idéias sobre o que deveria e o que ser o

País, passaram muito além dos tempos de resistência e são um farol para os que continuam na
20 travessia da história brasileira. Também não o conheci bem, apenas de vista e de uma conversa numa tarde na Churrascaria Plataforma, no Rio de Janeiro.

O terceiro irmão, Francisco Mário, freqüentou com mais assiduidade o meu coração. Veio até a mim pedindo-me uma letra e, ao fazê-la, e nos tornarmos parceiros, nunca mais nos abandonamos. Também não nos encontramos tanto quanto merecíamos, vivendo ele no Rio e
25 eu aqui, em minha então tranqüila Cachoeirinha. Falávamos de música, naturalmente. E de seus projetos de discos independentes. Trazia a arte nos sentimentos e nos dedos que comandavam o violão.

De minha casa, imagem que passou para seu filho, apreciava, além da família, as cervejas sempre geladas que eu guardava num enorme freezer. E os bolinhos de feijão, delícia
30 mineira de empolgar os anjos do céu da boca. Os três irmãos Souza viveram valentemente, com caráter e criatividade. O fim deles, atingidos pela incúria de nossa saúde pública, marcou o início da esperança de todo brasileiro que, depois deles, se submeteu às transfusões de sangue.

O Brasil seria melhor com a lucidez, o desenho e a música deles. Mas até no morrer e-
35 les foram grandes.

(In jornal *Estado de Minas*, Caderno “Cultura”, p.10. Belo Horizonte. 22/06/05.)

PERDÃO

É simpático reconhecer que se errou, se desculpar pelo malfeito. Virou moda, no entanto. Primeiro foi o Papa, reconhecendo que a Igreja estava equivocada na condenação de Galileu. Verdade que foram necessários cerca de cinco séculos para que o pedido de perdão ocorresse, o que não serviu de consolo para aquele que afirmara que a Terra girava ao redor do Sol,
5 e não o contrário.

Recentemente, o governo alemão se dirigiu ao mundo e aos descendentes dos milhões de judeus sacrificados na Segunda Guerra, declarando a culpa e o arrependimento do povo germânico. As ditaduras que perseguiram, mataram, torturaram e oprimiram vários países da nossa América, apesar de derrotadas, ainda não foram capazes, com exceções, de lavar a nossa
10 alma com pedidos mais explícitos de escusas pelo que fizeram.

Nos campos de futebol os jogadores continuam esquecendo a bola, se agredindo, cus-
pindo, se escoiceando. Veio do América o primeiro relato de reação preconceituosa seguida de
contrição. Um zagueiro americano confessou ter chamado o adversário de “negro safado”. E
antes que fosse punido – e foi – ele lamentou o acontecido. E jurou nunca mais repetir o ato
15 infame.

Abro um parênteses para dizer que me incomoda o fato de que, assim como a Santa
Sede morou a assumir a verdade certifica do heliocentrismo, há uma tendência a esconder que
a genética afirmou, reafirmou e provou que não existem raças humanas. Existimos nós, huma-
nos, com características de cor e sexo diferentes. Somos uma só raça, o que impede que cha-
20 memos de racismo o desprezível preconceito de cor.

Voltando aos pedidos de perdão, o nosso Lula chorou no Senegal, diante do porto de
embarque de escravos africanos. Quem de nós também não choraria? Gil cantou uma belíssi-
ma canção feita em parceria com o poeta Capinan e, manuseando grilhões, lançou ao mundo
sua dolorida expressão de homem sensível.

25 Nosso presidente pediu perdão por nós. E dois dias mais tarde, o ministro da Justiça em
outra cerimônia, aqui no Brasil, se desculpou, em nosso nome, perante os povos indígenas.
Passado o calor das emoções, eu me pergunto sobre a validade dessas declarações.

Elas são bonitas, volto a admitir. Mas bastam? E para que servem? E são justas? O ne-
gício do tráfico de escravos, desvendado pela história, é muito mais complexo do que a visão
30 que nos foi vendida por muito tempo, nos manuais escolares. E os índios brasileiros precisam
de mais ação governamental e da sociedade, para que tenham uma vida melhor e suas crianças
não continuem a morrer de fome e de doenças da miséria.

É simpático pedir perdão pelo passado. Mas é mais importante não esquecer o que de-
ve ser feito hoje, para que haja justiça, igualdade e fraternidade entre nós.

35 P.S Eu também sei pedir perdão. Na última crônica saiu, por minha culpa, que as capas
de alguns discos “estava imprestável. Desculpem-me pelo meu erro.

(In jornal *Estado de Minas*, Caderno “Cultura”, p.10. Belo Horizonte, 27/04/05.)